

Universidade Federal de São João del-Rei  
Programa Institucional de Iniciação Científica – PIIC  
Edital Nº 001/2011/PROPE

**TECENDO POÉTICAS: DA AUTOPOÉTICA À ECOPOÉTICA**

**Por: Amanda Couto Araújo**  
**Orientador: Prof. Dr. Adilson Roberto Siqueira**  
**DELAC/Teatro**

**São João del Rei, Setembro de 2012**

# Sumário

Prefácio .....	3
Introdução .....	5
I – aventura poética da vida .....	6
<b>I.1 – autopoiese e os seres vivos</b> .....	6
<b>I.2 – <i>Vida, arte, ser... aventura poética</i></b> .....	9
II - corporeidade arte ser .....	12
<b>II.1 - corpo ser</b> .....	12
<b>II.2 - indivisibilidade do corpo</b> .....	13
III – A “comum.unidade” planetária sustentável .....	18
<b>III.1 - antropocentrismo e descuido</b> .....	18
<b>III.2 - sustentabilidade planetária: políticas para a transição</b> .....	20
<b>III.3 - a Carta da Terra – pelos povos da Terra</b> .....	23
<b>III.4 - Cúpula dos Povos Rio+20</b> .....	25
<b>III.5 - desafio planetário</b> .....	28
<b>III.6 - <i>Arte, cultura e o fazer sustentável</i></b> .....	28
IV – “Comum.unidades” .....	31
<b>IV.1- A comum ancestralidade: saberes, ritos e tradições</b> .....	31
<b>IV.2 - .unidades intencionais – ecovilas</b> .....	33
V - Por onde passa o olhar: à guisa de metodologia .....	37
<b>V.1 – A pesquisa qualitativa</b> .....	37
<b>V.2 - Trançando Poéticas</b> .....	40
<b>V.2.2 ecos da poética no mundo</b> .....	41
VI. - Proposição poética .....	43
<b>VI.1.1 A energia</b> .....	45
<b>VI.1.2 estado alterado de consciência – transe</b> .....	46
<b>VI. 1.3 - Os centros energéticos ... chakras</b> .....	48
<b>VI.1.3.1 - Chakra Básico ou Chakra Raiz:</b> .....	52
<b>VI.1.3.2 - Chakra Umbilical</b> .....	52
<b>VI.1.3.3 - Chakra Plexo Solar</b> .....	53
<b>VI.1.3.4 - Chakra cardíaco</b> .....	53
<b>VI.1.3.5 - Chakra Garganta</b> .....	54
<b>VI.1.3.6 - Chakra Frontal e Chakra Coronário</b> .....	54
<b>VI.1.4 Improvisação</b> .....	55
VII - Considerações Finais .....	56
VIII - Anexos .....	58

<b>ANEXO 1 -A CARTA DA TERRA.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO 2 - Manifesto de Tutzing para corroborar a dimensão cultural e estética do desenvolvimento sustentável .....</b>	<b>64</b>
<b>IX - Referências Bibliográficas:.....</b>	<b>67</b>

## Prefácio

O presente trabalho de Iniciação Científica se pauta pela conjunção de dois contextos: no primeiro, ele se insere no âmbito da linha de pesquisa em Artes Cênicas e Sustentabilidade do Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes, Culturas e Sustentabilidade, que atua pesquisando artística e academicamente as relações entre arte e sustentabilidade com vistas à proposição de uma *eco-poética*, apropriação do neologismo *ecopoiesis* (*eco* = casa, *poiesis* = produção) proposto pelo geneticista e biofísico canadense Robert Haynes (1990) para referir-se à criação de um ecossistema sustentável em planetas sem vida. A concepção de Eco-poética desta pesquisa esta intrinsecamente relacionada a essa idéia enquanto a proposição de uma poética, de um modo de fazer arte cênica que esteja diretamente relacionada com a contribuição das artes da cena para a criação de um mundo sustentável ambiental, ecológica e socialmente. Neste contexto o trabalho está orientado especificamente para a investigação do trabalho do ator-dançarino desde a perspectiva de uma auto-poética de formação da artístico-intelectual da aluna-pesquisadora.

No segundo, ele se relaciona com o paradigma da sustentabilidade como uma nova fronteira para as artes, em particular no que diz respeito às investigações que buscam desenvolver novas linguagens artístico-estéticas e teórico-práticas que ampliem o papel das artes cênicas no desenvolvimento de uma cultura e de uma estética de sustentabilidade, rumo a um futuro sustentável de nosso planeta. Em especial, o trabalho faz um levantamento minucioso das relações entre corporeidade, arte e sustentabilidade, a partir do conceito de autopoética, cunhado pelos biólogos e filósofos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, mostrando como ela se relaciona com a arte e traçando um histórico de ações globais em prol do pensamento sustentável.

Na confluência destes contextos a pesquisa teve por objetivo realizar um estudo teórico-prático da interface das manifestações artísticas de caráter sustentável presentes em comunidades intencionais e comunidades tradicionais, conforme apresentado neste trabalho, buscando compreender como o fazer artístico dessas comunidades contribui com práticas ecologicamente sustentáveis e através desse estudo identificar técnicas e práticas artísticas de indivíduos e grupos que possam contribuir para uma auto-poética da formação artística e para a criação de uma eco-poética do trabalho do ator-dançarino e da cena, o que, nas pesquisas realizadas passaria pelo desenvolvimento de uma proposta construída com base na Técnica Energica da professora do curso de dança da Universidade Estadual de

Campinas, Marília Vieira Soares, técnica a qual chegamos conforme o desenrolar da pesquisa.

Tal objetivo, entretanto, não pode ser atingido por completo tendo em vista que o projeto e o Plano de Trabalho aprovados pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação previa a realização de Pesquisa de Campo em duas comunidades, a saber a comunidade intencional “Eco-vila Terra Una”, localizada no município de Liberdade-MG e a comunidade tradicional “Quilombo”, situada na cidade de Ressaquinha-MG, as quais somente foram identificadas com o desenrolar das investigações mas cuja definição era prevista já no no projeto de inscrição – e não puderam ser efetivadas devido à falta de recursos economicos por parte da Pró-reitoria, o que prejudicou e comprometeu em muito o projeto, que previa conhecer e reconhecer nas comunidades práticas artísticas que contribuissem para a criação e recriação da vida comunitária ecologicamente sustentável, a elaboração de exercício cênico baseado num treinamento desenvolvido com base na técnica energética a ser apresentado para convidados, além da elaboração de um vídeo desse exercício e de todo o processo, o qual acompanharia o presente texto.

Em função disso, o que o leitor tem em mãos é apenas a parte teórica da pesquisa, uma vez que a parte prática, que dependia da observação *in loco* nas comunidades para a realização da mimesis corpórea para o desenvolvimento de um treinamento prático não foi possível ser realizada conforme proposto, assim como a prospecção das práticas corporais que diferenciavam as duas comunidades.

Mesmo não sendo possível realizar a pesquisa *in loco*, está sendo criada uma proposição poética performática, inspirada na pesquisa teórica e nas vivências pessoais. Esta proposição tem como fundamento para o treinamento prático do trabalho de ator dançarino elementos metodológicos da Técnica Energética, principalmente ao que diz respeito ao reconhecimento dos sete centros energéticos.

Entretanto, apesar da lacuna, o texto apresenta elementos conceituais importantíssimos para a construção de uma *ecopoética* da cena e do trabalho do ator-dançarino

## Introdução

Tecendo poéticas é um estudo inicial sobre a vida arte de ser em comum. unidade planetária e cosmológica que procura compreender como a capacidade criativa de tecer a própria poética, em co-criação com o ambiente e os demais seres, contribui para a sustentabilidade no ecossistema planetário.

Reconhecemos nesta pesquisa que possuímos tradições e saberes milenares de vida comunitária integrada a natureza que se entrelaçam com novas tecnologias e com o paradigma antropocêntrico de desenvolvimento. Este modelo ao longo da história proporcionou a dominação e degradação ambiental e social e tem gerado uma forma de viver *insustentável*. Contrapondo esta realidade, temos o movimento ecológico propondo um novo sistema de valores sustentado no equilíbrio ecológico, na justiça social, na não-violência e na solidariedade com as gerações futuras, perspectivas que tem influenciado, nas últimas décadas, a criação de conferências da ONU sobre o meio ambiente, como aconteceu em Estocolmo em 1987, na Rio 92 e Rio+20, políticas mundiais como a Agenda 21, além de movimentos globais como a Carta da Terra, Manifesto de Tutzing, o movimento de ecovilas... ações diversificadas em pro da sustentabilidade planetária. Neste sentido, uma das questões que impulsiona este trabalho se pauta em entender como a sabedoria ancestral da vida em comunidades, no caso as comunidades tradicionais onde o saber é transmitido de geração a geração, tem contribuído com novas formas de vida em comunidade, como nas comunidades intencionais ou ecovilas, principalmente no que tange a sustentabilidade e ao fazer artístico e poético da vida. Para realizar este estudo foi proposto a pesquisa qualitativa e a observação participante, no entanto, como esclarecido anteriormente, nos contentamos com o levantamento teórico sobre a questão.

Traçamos como um dos objetivos, o desafio de criar, inspirado no trabalho teórico-prático, uma proposição performática ecopoética que contribua para a formação artística do ator-dançarino. Uma vez que a pesquisa *in loco* não pode ser realizada, esta proposição encontra-se em processo e sua criação é inspirada nos pressupostos apontados pela pesquisa teórica, na vivência sobre a questão e em elementos metodológicos da Técnica Energética desenvolvida pela a Profa. Dra. Marília Vieira Soares, artista-pesquisadora do departamento de Artes Corporais da Unicamp.

Trilhando o caminho por uma abordagem holística e transdisciplinar, o trabalho de pesquisa partiu da concepção do ser vivo autopoético, passando pelo reconhecimento do ser humano integrado a natureza com seu potencial criativo inter-relacionado com a dinâmica da co-existência e capacidade poética de fazer da vida uma obra de arte, seguiu instigando a percepção de como este fazer se dá a partir do corpo com sua linguagem poética a transformar a realidade comum, contextualizando o paradigma da sustentabilidade nos dias de hoje, a sua importância para as artes e sua relação com as comunidades tradicionais e intencionais, para então esboçar os elementos para uma proposição artística eco-poética pautados nos princípios metodológicos da Técnica Energética.

É importante ressaltar que para a realização destes estudos a vivência foi compreendida como uma experiência corpórea, tal qual Merleau Ponty, entendendo o corpo como totalidade, forma do Ser no mundo, a configurar sua linguagem sensível e expressá-la nos movimentos. Os sentidos do corpo, com sua vitalidade e sensibilidade criativa, foram vistos como realidade essencial do humano e desta forma, o corpo foi concebido como um sistema energético dinâmico, microcosmo dentro do macrocosmo, uma obra de arte, com sua linguagem poética a compor a vida artisticamente.

## **I – aventura poética da vida**

*A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.*  
CARTA DA TERRA

### **I.1 – autopoiese e os seres vivos**

“O universo poético torna-se então um espaço de encontros universais, de onde tudo nasce em brotos, cresce em bases e torna-se um local de eternos retornos, onde imagens alimentam reflexões, símbolos estabelecem emoções, e não um espaço vazio. Este espaço universal é uma abertura para misturas pessoais, uma continuação do espaço interior do ser humano, que está dentro e fora de si mesmo.” (MALTY,

Na década de setenta dois biólogos chilenos, Humberto Maturana e Francisco Varela, demonstraram que a vida resulta da articulação sutil de três dados básicos: o padrão de organização, a estrutura do sistema vivo e o processo em aberto que agiliza continuamente padrão e estrutura.<sup>1</sup>

De acordo com eles (2001) a existência dos seres vivos no planeta Terra está diretamente relacionada com a diversidade morfológica e química dos átomos de carbono, as moléculas orgânicas. Com a diversificação e a plasticidade na família das moléculas orgânicas, podem-se formar redes de reações moleculares que produzem os mesmos tipos de molécula que as integram e, também, limitam o entorno espacial no qual se realizam. Os autores afirmam que “essas redes e interações moleculares, que produzem a si mesmas e especificam seus próprios limites são os SERES VIVOS(sic)”<sup>2</sup>. Em consonância com esta proposição, Leonardo Boff (1998) descreve o surgimento da vida na Terra da seguinte forma:

“A Terra começou a encher-se, no ar e nos mares, de tais cadeias de moléculas orgânicas. Elas começaram a elaborar reações entre si cada vez mais complexas. Essas redes criaram verdadeiras famílias de moléculas que, através das reações, produziram os mesmos tipos de moléculas que as integram. Sempre que se verifica este tipo de organização, sem a qual algo não existe, então se dão as condições para a emergência de um ser vivo. Trata-se de uma criação, uma autopoiese, uma auto-organização molecular da matéria. A vida surge como consequência da complexificação crescente. Quando aparece unidades auto-organizadas (autopoéticas), surge a vida. (BOFF, 1998 p.55)

Para Maturana e Varela (2001) o que caracteriza o ser vivo é sua organização autopoietica. No conceito de *autopoiesis*, proposto por esses biólogos, um organismo vivo possui uma organização autopoietica que possibilita a sua auto-criação contínua. Ao se auto-criar, o ser vivo realiza um incessante engendramento de sua estrutura, delineando seus próprios limites à medida que interage com o meio em que vive. Segundo eles:

---

<sup>1</sup>BOFF, 1998. p.58

<sup>2</sup>MATURANA e VARELA, 2001. p.46

“A característica mais peculiar de um sistema autopoiético é que ele se levanta por seus próprios cordões, e se constitui como diferente do meio por sua própria dinâmica, de tal maneira que ambas as coisas são inseparáveis.”(MATURANA e VARELA, Op. Cit., p.55)

Ademais, ambos acreditam que os seres vivos diferentes se distinguem porque têm estruturas distintas, mas são iguais em organização. Para estes estudiosos é através da estrutura que cada ser vivo ganha forma singular, de tal maneira que o único produto da organização autopoética dos seres vivos são eles mesmos, não havendo separação entre produtor e produto. Sendo assim, o ser e o que o faz uma unidade autopoética são inseparáveis e isto constitui seu modo específico de organização<sup>3</sup>.

Por sua vez, Leonardo Boff (1998), em suas reflexões sobre a autopoiese, aponta para a importância de considerarmos os materiais físicos, químicos, o meio ambiente, o tipo de combinação e de relação que se realiza para que surja o organismo vivo. Ele afirma que a autopoiese se dá em rede onde cada componente ajuda na criação, manutenção e regeneração do outro e todos do conjunto, formando um sistema<sup>4</sup> integrado e dinâmico. Tanto o padrão de auto-organização quanto a estrutura estão sempre em movimento, adaptando-se ao meio ambiente, num processo vital, aberto e inacabado.

Além de se adaptarem ao ambiente, os seres vivos individuais também adaptam o ambiente geoquímico segundo as suas necessidades, através da sua ação conjunta nos ecossistemas<sup>5</sup>. Num ecossistema, como nos diz Odum (1988), os organismos vivos e o seu ambiente não-vivo (abiótico) estão inseparavelmente inter-relacionados e interagem entre si.

---

<sup>3</sup>Maturana e Varela; LocLoc.Cit.

<sup>4</sup>“A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores. Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização. Todo e qualquer organismo – desde a menor bactéria até os seres humanos, passando pela imensa variedade de plantas e animais – é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. (...) o que se preserva numa região selvagem não são as árvores ou organismos individuais, mas a teia complexa de relação entre eles.” (Cf. CAPRA, Fritjof 2003 p.260)

<sup>5</sup>Chamamos de sistema ecológico ou **ecossistema** qualquer unidade (biosistema) que abranja todos os organismos que funcionam em conjunto (a comunidade biótica) numa dada área, interagindo com o ambiente físico de tal forma que um fluxo de energia produza estruturas bióticas claramente definidas e uma ciclagem de materiais entre as partes vivas e não-vivas.” (Cf. Odum, 1988 p.9)

De acordo com a “Hipótese Gaia”, os organismos, principalmente os microorganismos, evoluíram junto com o ambiente físico, formando um sistema complexo de controle, o qual mantém favoráveis à vida as condições da Terra<sup>6</sup>. Esta teoria, como afirma Suguiu e Suzuki (2010), se baseia na idéia de que a vida e o ambiente terrestre constituem um sistema único e inseparável.

A Hipótese Gaia é uma tese científica elaborada em 1972 pelo químico inglês James Lovelock. Nesta teoria a Terra é considerada um organismo vivo, integrado e interativo onde todos os elementos – a composição físico-química dos solos e dos ares, as rochas, as águas, os oceanos, atmosfera, os microorganismos, as plantas, os animais, os seres humanos – inter-existem e co-existem<sup>7</sup>.

Sendo assim, o ser humano, um ser autopoético, é um ser da natureza, cuja existência conflui com a de outros seres e com o ambiente numa complexa e diversa interação de vidas, formas, fluxos, densidades, sentidos. A sua capacidade de auto-organização criativa está inter-relacionada com a dinâmica da co-existência. Terra e humanidade formam uma única entidade, vivemos em uma comum unidade planetária na qual o ser humano, como sugere Boff (1998), é a própria Terra que sente, pensa, ama e venera.

## **1.2 – Vida, arte, ser... aventurapoética**

“Somos música. As vibrações dessa música que somos são entoadas a partir do nosso silêncio interior. Essas vibrações preenchem e qualificam nossos pensamentos. Pensamentos são tons que damos a cada instante ao nosso estado de ser”.<sup>8</sup>

Inscrições e desenhos encontrados em grutas pre-históricas, como as de Lagoa Santa-MG<sup>9</sup>, documentam que no período mais remoto da sua existência, o ser humano contou com o sensível e também com o racional para sobreviver<sup>10</sup>. Os ritos, os cantos, a poesia, os símbolos, a reverência à natureza e ao sagrado, as danças, as celebrações, os festejos populares, a capacidade inventiva e de criação

---

<sup>6</sup> Lovelock, 1979; apud Odum, 1988 Pp.15

<sup>7</sup> Boff, 1998, p. 55-56

<sup>8</sup> <http://kakawera.blogspot.com/2011/11/cuidar-de-si.html>. acesso em 22 de abril de 2012

<sup>9</sup> <http://revista.fapemig.br/materia.php?id=175> acesso em 20 de agosto de 2012

<sup>10</sup> Campos, 2002

são genuinamente humanas. De acordo com Velloso (2010), o homem desenvolveu-se como ser humano, ordenando, dando forma, criando. Movido por necessidades ontológicas, o ser humano sempre criou e recriou. O seu potencial criador surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais, que nada mais são do que um somatório de vivências, necessidades espirituais e materiais associadas à capacidade do indivíduo de “fazer coisas”, através da ação-reflexão, características humanas materializadas na história a partir da produção de objetos expressivos<sup>11</sup>.

Existimos no mundo e com o mundo, como nos diz Paulo Freire (2006). De acordo com o pensamento desse educador popular, o trabalho, a cultura, a história, os valores, compõem o domínio da existência humana, somos capazes de transformar o mundo através da ação e de captar e expressar a realidade por meio da “linguagem criadora”. Sobre isso ele nos informa:

“homens e mulheres (...) acrescentam à existência que têm a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.” (Freire, 2006:78)

O conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura é arte, como nos ensina Bossi (1986)<sup>12</sup>. Este estudioso considera a arte como um fazer e nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística<sup>13</sup>. Para o autor, a arte é produção e supõe trabalho. Trata-se de um movimento que tira o ser do não-ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmo do caos.<sup>14</sup>

A palavra latina *ars*, matriz do português *arte*, está na raiz do verbo *articular*, que denota a ação de fazer junturas entre as partes de um todo. Em suas Reflexões sobre a Arte, Bossi (1986) diz que ela, desde a Pré-história, representa uma atividade fundamental do ser humano e nos instiga a observar o *ser* da arte enquanto modo específico dos homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmo e propõe, dialogando com Platão, a arte como criação:

---

<sup>11</sup>Ostrower, 1978; apud Campos, 2002

<sup>12</sup>Bossi, 1986; p.13

<sup>13</sup>Id

<sup>14</sup>Ibid

“sabes que o conceito de criação (*poiesis*) é muito amplo, já que seguramente tudo aquilo que é causa de que algo (seja o que for) passe do não ser ao ser é *criação*, de sorte que todas as atividades que entram na esfera de todas as artes são criações; e os artesões destas são criadores ou poetas (*poietés*)”. ( Platão *Banquete*, 205 B8; apud Bossi 1986)

Desta forma, além de realizarmos a autopoiese biológica em inter-relação com o ambiente, também nos recriamos, criamos cultura<sup>15</sup>, subjetividade, símbolos.

Possuímos o potencial artístico de auto-criar, realizar a auto-poética, e dar forma a vida tal qual uma obra-de-arte, como nos inspira o poeta e dramaturgo Schiller (1991) para quem, através do estado estético, o homem tem a possibilidade de determinar-se, de restituir a liberdade de fazer de si o que pretende. A beleza, para esse poeta, torna-se assim a segunda criadora do homem, ela é algo capaz de permitir a harmonia em sociedade e de fazer dele um todo.

“(…) se já a necessidade força o homem a organizar-se em sociedade e a razão nele implanta princípios sociais, é somente pela beleza que pode dar-lhe um *caráter sociável*. Somente o gosto permite harmonia na sociedade, pois cria harmonia no indivíduo. Todas as outras formas de concepção fragmentam o homem, pois fundamentam-se exclusivamente na parte sensível de seu ser ou na espiritual; somente a concepção estética faz dele um todo ao exigir a concordância de suas duas naturezas. (...) somente a bela comunicação unifica a sociedade, pois refere-se ao que é comum a todos.” (SCHILLER, 1991. p. 148-149)

Podemos dizer que o humano é um ser auto-poético da natureza e é também um ser de arte capaz de criar e recriar artisticamente. É a própria poesia interagindo com outros seres, outras poéticas e fazendo “*p-ARTE*” da “composição” da comunidade planetária.

---

<sup>15</sup> ““Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e forma às nossas vidas.” (GEERTZ, 2008: 37)

## II - corporeidade arte ser

### II.1 - corpo ser

Como ser de arte, autopoético, o ser humano estabelece sua inter-relação, em co-existência com outras subjetividades eo ambiente, a partir do seu corpo. Ele é o próprio corpo, “um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio”<sup>16</sup>. Ser corpo, para Merleau Ponty<sup>17</sup> “é estar atado a um certo mundo, e o nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”<sup>18</sup>. Por essa razão, para esse autor, o corpo tem um lugar de destaque de modo que sua fenomenologia ocupa-se da harmonia corporal, do corpo consigo mesmo, com as coisas e com os outros<sup>19</sup>. Em seus estudos, como nos afirma Nóbrega (2000), o corpo é obra de arte e sua linguagem é poética.

Segundo Tourinho (2004), Merleau-Ponty entende o corpo como uma totalidade, comparado a uma obra de arte, no sentido de que não se pode distinguir a expressão daquilo que é expresso, só sendo isto acessível por um contato direto, no qual o corpo irradia sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial, de tal forma que a espacialidade do corpo é o desdobramento do próprio corpo<sup>20</sup>.

Por esse motivo, sustenta Nobrega (id), o projeto de Merleau-Ponty, é enfatizar o sentido do corpo e do sensível como realidade essencial do humano. Ele busca o resgate do olhar expressivo no campo da estética, compreendido como esfera do sensível e co-extensivo ao corpo. Sua trajetória, de acordo com esta pesquisadora, é uma reabilitação do sensível na definição da ontologia do ser humano e no campo epistemológico. Dessa maneira, afirma ela:

“Merleau-Ponty define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos. Apresenta uma nova concepção para o conhecimento, o estético, desenhando com traços

---

<sup>16</sup> Merleau-Ponty, 1999, p. 212, apud, Tourinho, 2004 p.21

<sup>17</sup>“Merleau-Ponty (1908-1961) é considerado pai da fenomenologia: “filosofia que repõe a existência, e não pensa que se possa compreender o ser humano e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”. Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Perspectiva, 1999, p.2, apud Tourinho, 2004 p.20

<sup>18</sup> Merleau-Ponty, 1999, p. 215, apud, Tourinho, 2004 p.21

<sup>19</sup>Cf. Nóbrega 2000, p. 96

<sup>20</sup>Tourinho, 2004 p.20

significativos, sentidos para uma compreensão densa da corporeidade. A corporeidade é compreendida no arranjo paradoxal do corpo em movimento. Desse modo, a percepção é um elemento significativo para compreender a “operação expressiva do corpo, iniciada pela menor percepção, que se amplifica em pintura e em arte”. (NÓBREGA, 2000. p. 95)

De acordo com Nóbrega (id) Merleau Ponty fundamentou-se, inicialmente, na teoria da Gestalt, enfatizou o conceito de estrutura, demonstrando o fracasso das antinomias clássicas, como consciência e natureza, alma e corpo, reconhecendo o que há de mecânico e intencional no comportamento humano, sem considerá-lo isoladamente<sup>21</sup>.

“Os psicólogos da Gestalt, liderados por Max Wertheimer e por Wolfgang Köhler, reconheceram a existência de totalidades irredutíveis como o aspecto-chave da percepção. Os organismos vivos, afirmam eles, percebem coisas não em termos de elementos isolados, mas como padrões perceptuais integrados – totalidades significativamente organizadas que exibem qualidades que estão ausentes em suas partes”.(CAPRA, 1996. p.42)

Segundo Tourinho (2004), Merleau Ponty rejeitou o dualismo, identificou a ambigüidade existente na condição humana e tentou superar a tradicional dicotomia entre os elementos objetivos e subjetivos da experiência humana, estabelecendo a percepção como atributo da consciência e a vivência, antes de tudo, como uma experiência corpórea<sup>22</sup>.

Assim como Merleau-Ponty, compreendemos o sentido do corpo e do sensível como realidade essencial do humano. O corpo como totalidade está atado ao mundo e trata-se de uma obra de arte com sua linguagem poética a vivenciar e realizar, em co-existência, a composição da obra de arte da vida planetária.

## **II.2 - indivisibilidade do corpo**

---

<sup>21</sup>Nóbrega 2000, p. 96

<sup>22</sup>Tourinho, 2004 p.20

*“Somos constituídos pelos mesmos elementos e pelas mesmas energias com que são feitas as estrelas e todos os demais seres.”<sup>23</sup>*

De acordo com Soares (2008, p.08) a tradição cultural ocidental isolou o corpo e o intelecto em instâncias independentes especialmente por meio do racionalismo cartesiano, que fracionou o homem em corpo e alma, descrevendo o organismo humano como uma máquina que aloja em si a alma, cuja essência é o pensamento<sup>24</sup>. De acordo com essa abordagem, toda a natureza divide-se em domínios distintos e independentes: a alma e o corpo, a mente e a matéria; e são determinados por uma terceira substância que é eterna, Deus.

No entanto, os seguidores do racionalismo descartaram a substância divina e sob a orientação intelectual de René Decartes (1596-1650) surge a *concepção mecanicista*: “o homem-máquina habita o grandioso Universo-máquina, regido por leis matemáticas perfeitas”.<sup>25</sup> Neste período, como sugere Crema (1989), desmoronou-se a visão orgânica do mundo, cálida e misteriosa, estabelecendo-se a fria e estreita visão racionalista-mecanicista-reducionista. A “vastidão de *Holos* é reduzida a engrenagens sob o infalível império da causalidade”<sup>26</sup> escreve ele.

Como se sabe, a visão mecanicista cartesiana caracterizou a revolução científica e consolidou-se com a mecânica clássica de Isaac Newton (1642 – 1727)<sup>27</sup>. De acordo com Richard Genber (1988), estudioso da medicina vibracional, a visão newtoniana era avançada para sua época e teve como base os primeiros modelos de comportamento mecanicista derivados da observação da natureza. Segundo esse pesquisador, o modelo newtoniano foi importante para os progressos mecânicos e teóricos da era da Revolução Industrial, deu um novo sentido às descobertas científicas e tornou possível a criação de muitas invenções que, desde então, têm trazido benefícios à humanidade. No entanto seus modelos não puderam explicar o comportamento da eletricidade e do magnetismo, surgindo novos modelos do universo inventados para acomodar esses fenômenos energéticos<sup>28</sup>.

---

<sup>23</sup>BOFFBoff, 1998. P.116

<sup>24</sup>Crema, 1989, p.32

<sup>25</sup>Crema, 1989, p.33

<sup>26</sup>Crema, 1989, p.33

<sup>27</sup>Crema, 1989, p.34

<sup>28</sup> Genber, 1988, p.27

Como herança do pensamento mecanicista newtoniano, como sugere Genber (1988), até hoje o corpo é visto como um notável mecanismo, uma intrincada maquinaria física, até mesmo no nível da estrutura celular. Ainda segundo esse estudioso, a aplicação do modelo newtoniano para explicar o funcionamento do corpo humano foi um reflexo das tentativas dos cientistas de retirarem a função humana do reino do divino e transferi-la para o mundo mecanicista que eles podiam entender e manipular.<sup>29</sup>

Genber (1988) nos lembra que o princípio fundamental numa máquina é o de que a função do todo pode ser prevista pela soma das partes. No entanto, ele afirma que os seres humanos, ao contrário das máquinas, são mais do que a soma de um conjunto de substâncias químicas ligadas umas às outras, tratam-se de organismos vivos constituídos de energia.

Albert Einstein (1879-1955), físico alemão naturalizado norte-americano, demonstrou em seus estudos como a unidade básica do Universo é a luz, ou seja, tudo é energia<sup>30</sup>. Para Genber (1988), o reconhecimento de que toda matéria é energia, constitui a base para compreendermos por que os seres humanos podem ser considerados sistemas energéticos dinâmicos. Segundo ele:

“Por meio de sua famosa equação,  $E = mc^2$ , Albert Einstein provou aos cientistas que energia e matéria são duas manifestações diferentes da mesma substância universal. Essa substância universal é a energia ou vibração básica, da qual todos nós somos constituídos.” (GENBER, 1988, p25)

Como sabemos, os estudos de Einstein deram início à Física Moderna, que é relativista, atômica e quântica<sup>31</sup>. Segundo Crema (1989) a teoria da relatividade de Einstein afirma que o espaço e o tempo estão em íntima e interdependente relação, ou seja, não são absolutos; dependem do observador, ou seja, são sempre relativos e condicionados a um sistema referencial dado<sup>32</sup>. Ainda segundo esse autor, o conceito de “espaço vazio” e a noção de objetos sólidos se desmancham com a

---

<sup>29</sup> Genber, 1988, p. 26

<sup>30</sup> Soares, 2000 p.4

<sup>31</sup> Crema, 1989, p.40

<sup>32</sup> Idld

ampliada concepção da matéria einsteineana em que a massa de um corpo depende da velocidade e, portanto, da energia<sup>33</sup>.

De acordo com Soares (2000), o pensamento humano, prerrogativa da arte, também é uma forma de energia, gerada pela atividade vital presente no corpo<sup>34</sup>. Sendo assim, "(...) o ato de pensar é corpóreo, é um fenômeno físico, reflexo da Luz, que é a essência básica do nosso existir." <sup>35</sup>

" O agir conscientemente a partir de um pensamento mais elevado produz ações elevadas, portanto, o pensamento também necessita de educação num sentido mais amplo: como síntese de toda vivência e experiência humana que está instaurado no corpo. Portanto, o pensar é uma síntese de processo corporal. Essa é uma prerrogativa da arte que a filosofia, religião e ciência ocidental separou." (SOARES, Op. Cit. p.10).

A descoberta da Teoria da Relatividade, segundo Soares (2000), possibilitou à ciência ocidental aproximar-se da filosofia e da tradição do oriente. As culturas orientais, segundo a pesquisadora, não sofreram a ruptura do conceito entre corpo e mente, e nos seus escritos mais antigos é possível encontrar a concepção de Unidade do Universo<sup>36</sup>. No oriente o corpo filosófico não é diferente do corpo trabalhador, do artista, do sacerdote, do cientista. "Existe um só corpo, no qual está enraizada a perspectiva humana e a individualidade!"<sup>37</sup> nos lembra a pesquisadora. De acordo com ela, os povos orientais consideram o corpo como instrumento necessário às manifestações do espírito e são conscientes da unidade entre eles.

O corpo, com sua vitalidade e sensibilidade criativa, não é simplesmente uma máquina fragmentada pronta a executar comandos nas engrenagens do mundo mecanicista, trata-se de um sistema energético dinâmico o qual, como vimos anteriormente, não está dividido entre corpo e mente. Somos, como sugere Genber (1998), um um microcosmo dentro de um macrocosmo a tecer a poética da vida.

---

<sup>33</sup> Ibid

<sup>34</sup> Soares, 2000 p.4

<sup>35</sup> Soares, Op. Cit, p. 11

<sup>36</sup> Soares, 2000. p. 21

<sup>37</sup> Idld.. p.10

### II.3 - o corpo poético

Este corpo, como expressão do sensível, não encerra sua auto-criação (autopoiese) em si mesmo, mas estabelece inter-relações, conexões, trocas, num movimento contínuo, na dança ininterrupta de existência comum. É um sistema inserido em outros sistemas, como nos propõe Tourinho (2004) em sua abordagem “holística” sobre o corpo:

“O corpo é um sistema inserido em outros sistemas, dentre eles o Planeta ao qual habitamos. Portanto, sofre variações constantes influenciadas pelo movimento interno da Terra e, em relação aos demais planetas, pelo movimento dos demais corpos que convivem. Enfim, pelo movimento do ecossistema em que está inserido. Possui suas próprias estações, necessidades relativas ao dia e à noite. É influenciado tanto pela pulsação do coração, quanto pelos movimentos de rotação da Terra, pelo movimento dos astros, pelas estações do ano, pelo ritmo biológico.”(TOURINHO, 2004,p. 17).

De acordo com ela, a abordagem holística entende cada indivíduo como um universo complexo e tem como símbolo o feto. Esta doutrina parte da “signatura”, mecanismo utilizado pelos índios e povos primitivos, no qual a relação entre os elementos da natureza é dada pela forma. Segundo a pesquisadora, o Yoga, o *Tai Chi Chuane* as demais artes Orientais, também, surgem dessa “signatura” e se utilizam deste princípio, copiando formas existentes na natureza, partindo da idéia de que tudo no Universo está interligado, entendendo-o como um sistema composto por subsistemas abertos, um agregado onde tudo é compartilhado. Escreve ela:

“Cada sistema funciona como um “subsistema do meio imediato”: microcosmo e o macrocosmo. O Cosmos é a totalidade. O corpo é visto como um todo, no qual nenhuma parte é mais importante para a organização do todo do que este em si. Assim, como o todo é uma unidade, conhecer individualmente os componentes da forma viva não é

suficiente para compreender a organização desta união: é preciso conhecê-los em relação”.(TOURINHO, 2004, p.17)<sup>38</sup>

Por sua vez, a mesma abodagem é encontrada nos povos nativos das florestas tropicais, com sua cultura e sabedoria ancestral transmitida por gerações que, segundo Jecupé (1998), também reconhecem em suas tradições a unidade do corpo e espírito e acreditam na unidade e inter-relação de tudo.

“(…) a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. A Tradição do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido através do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largarem as armas do intelecto, essa contribuição será entendida. Nesse momento entraremos no Clico da Unicidade, e a Terra sem Males se manifestará no reino humano”. (p.61)<sup>39</sup>

Sendo assim, podemos pensar no ser humano autopoético com seu corpo arte “trans-relacionado” em comum existência planetária e cosmológica, com sua expressão sensível a fazer-se, a criar e transformar a vida numa obra de arte, uma poética em movimento.

### **III –A“comum.unidade” planetária sustentável**

#### **III.1 - antropocentrismo e descuido**

*“Se o vento é frio, ele chama a chuva. A chuva pode ser fina ou grossa, tudo indica o que deve ser feito. Se a lua é cheia, ela marca o tempo. Se os rios respondem ao pedido dela, os peixes virão para onde está o homem. Se o homem silencia,*

---

<sup>38</sup>Informações coletadas durante curso de Formação em Yoga no Instituto de Yogoterapia, Campinas, ano de 2003, apud Tourinho, 2004, p.17

<sup>39</sup>Jecupé, 1998. p.61

*ele pode ouvir os sinais. Tudo tem seu tempo. Tudo escuta e responde. Mas se os homens se confundem, em milhares de direções, correndo em círculos, desprendendo-se dos princípios fundamentais, eles confundem os peixes, e esses podem não se lembrar do tempo de piracema. O homem a montante passa fome e resmunga. Tudo ressentido. (MALTHUS, Op. Cit, p.39).*

Ao longo da história a humanidade desenvolveu técnicas e instrumentos de dominação da natureza, criando uma relação de soberania onde tanto o humano quanto o ambiente se tornaram objetos de exploração, manipulação e descarte. De acordo com Boff (opt. Cit) o homem colocou-se fora e acima da natureza, sendo sua vontade de poder e de dominação um projeto antropológico desde o período neolítico que ganhou expressão clássica no antropocentrismo, marcando toda sua trajetória cultural a partir de então. Escreve o autor:

“Assujeitar a Terra, aproveitar-se de seus recursos, ignorar a autonomia dos demais seres vivos e inertes, conquistar outros povos e submetê-los para construir a prosperidade: eis o sonho maior que mobilizou desde sempre aquela porção da humanidade, detentora dos meios de poder, de ter e de saber.”(p. 29)

Esse processo de assujeitamento foi de tal monta que chegamos à situação tão frequente nos dias de hoje, repleta de paisagens desertificadas, monoculturas (social e agrária), extensas áreas de pastagem, exploração irrestrita dos bens naturais, geração de resíduos tóxicos, aumento da temperatura global, crescimento urbano desordenado, intensificação das desigualdades sociais, violências, massificação cultural, consumo irrestrito e emergência de doenças diversas, algo que, de acordo com Loureiro (2000), é resultado de um complexo interativo de fatores econômicos, políticos, tecnológicos e culturais que tem o lado perverso da dinâmica capitalista como base estrutural, qualificada pela urbanização, pelo industrialismo e pelo modelo antropocêntrico. Como se sabe, este modelo é uma forma de compreensão que coloca o ser humano no centro do universo e que, de acordo com Boff (loc. Cit.), o universo só tem sentido, nessa lógica de pensamento, se ordenado pelo ser humano que pode dispor dele a seu bel-prazer.

No século XX o cenário social apresentou inegáveis avanços tecnológicos e científicos, mas assistiu também a duas grandes guerras, o crescimento da indústria

bélica, a criação e a popularização do plástico, da televisão, da publicidade agressiva, o aumento do consumo, do desperdício e da poluição. O crescimento populacional aumentou exponencialmente nos centros urbanos, com cidades inteiras desconectadas da natureza e de seus ciclos, dizimando florestas, tribos e culturas ancestrais<sup>40</sup>. As grandes cidades, como enfatiza Odum (1988), agem como parasitas da biosfera utilizando de forma irrestrita, e muitas vezes irresponsável, os recursos para a manutenção da vida, como a água, o ar, os combustíveis e os alimentos. O autor nos lembra que, nesta perspectiva de ação, a humanidade tem interagido e modificado o ambiente físico para satisfação de suas necessidades imediatas, preocupando-se somente com o que acontecerá em curto prazo.

Agindo como ser de cultura tecnológica, o homem afastou-se dos processos e ordens dos ambientes, perdeu a cultura da *eco-logia*, as exigências biocêntricas, sua inserção num “eco(*oikos*, casa, comunidade...)sistema”<sup>41</sup>. De acordo com Boff:

“O ser humano, em sua aventura evolucionária, foi se afastando lentamente da sua casa comum, a Terra. Foi quebrando os laços de coexistência com os demais seres, seus companheiros na co-evolução. Perdeu a memória sagrada da unicidade da vida nas suas incontáveis manifestações. Esqueceu a teia de interdependências de todos os seres, de sua comunhão com os vivos e da solidariedade entre todos”.(op. Cit. p. 32)

Em sua busca insaciável pelo saber e poder o ser humano se esqueceu que *inter-existe* e coexiste no tempo e no espaço com diversos outros seres e consigo mesmo em uma unidade comum, o planeta Terra. Essa comunidade planetária é o habitat de uma biodiversidade imensa que está sendo destruída pela forma *insustentável* de viver adotada pela sociedade.

### III.2 - sustentabilidade planetária: políticas para a transição

---

<sup>40</sup> VIVACQUA, Flávia. **Arte e Ecologia percorrendo caminhos equidistantes**, Catálogo Ponto Florestal, São Paulo: 2009. Disponível em: <<http://flaviavivacqua.wordpress.com/textos/por-flavia-vivacqua/arte-e-ecologia-percorrendo-caminhos-equidistantes/>> Acesso em 14 de abril de 2010

<sup>41</sup> PELIZZOLI, Luiz Marcelo. **A bioética como novo paradigma**. Disponível em: <[www.ufpe.br/filosofia/arquivos/7A%20Bioetica%20como%20novo%20paradigma.pdf](http://www.ufpe.br/filosofia/arquivos/7A%20Bioetica%20como%20novo%20paradigma.pdf)> Acesso em

Para viver o homem depende da natureza, de se reconhecer como integrante dela e de estabelecer relações que permitam a preservação de uma biosfera saudável e o bem-estar de todos os sistemas ecológicos que habitam o planeta<sup>42</sup>. Neste caminho, surge, na década de 1970, o movimento ecológico propondo um novo sistema de valores sustentado no equilíbrio ecológico, na justiça social, na não-violência ativa e na solidariedade diacrônica com as gerações futuras<sup>43</sup>.

Em 1972 o Clube de Roma<sup>44</sup> fez o primeiro balanço sobre a situação da Terra, num documento que denunciava a forma destrutiva dos meios de produção e propunha limites ao crescimento<sup>45</sup>. No mesmo ano, em Estocolmo, foi realizada a Conferência das Nações Unidas (ONU)<sup>46</sup> sobre Meio Ambiente, na qual os problemas de degradação ambiental e social foram percebidos como um problema de escala planetária. Neste ano também foi criada a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento (WCED) a qual, em 1987, publicou o Relatório Brundtland, conhecido como “Nosso Futuro Comum”, que alertava o mundo para a urgência de avançar rumo a um desenvolvimento econômico que possa ser sustentado, sem esgotar os recursos naturais ou prejudicar o ambiente<sup>47</sup>. Esse relatório indicou a pobreza nos países do sul e o consumismo extremo dos países do norte como as causas fundamentais da insustentabilidade do desenvolvimento e das crises ambientais e definiu desenvolvimento sustentável como: *“desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.”*<sup>48</sup>

De acordo com Siqueira (2010), o Relatório Brundtland sugere que a promoção da igualdade, crescimento e manutenção do meio ambiente é simultaneamente possível e para que isso ocorra com sustentabilidade é necessário uma mudança tecnológica e social. O relatório destaca três componentes

---

<sup>42</sup>Carta da Terra, disponível em: <http://www.cartadaterra.com.br/ctoriginal.htm> Acesso em 27 de Novembro de 2011

<sup>43</sup>Capra & Spretnak, 1984; Porritt, 1984; Journes, 1979; apud VIOLA, 2006.

<sup>44</sup>O Clube de Roma foi fundado em 1968, trata-se de uma associação informal de personalidades independentes da política, negócios e ciência, homens e mulheres, pensadores interessados em contribuir de uma forma sistêmica e holística interdisciplinar para um mundo melhor. Seus membros compartilham uma preocupação comum para o futuro da humanidade e do planeta. Disponível em: <http://www.clubofrome.org/?p=324> Acesso em 16 de abril de 2012

<sup>45</sup>BOFF, 2003. p.16

<sup>46</sup>A Organização das Nações Unidas (ONU), foi criada em 1945 e propunha-se, como tarefa fundamental, a segurança mundial sustentada por três pólos principais: os direitos humanos, a paz e o desenvolvimento socioeconômico e não fazia nenhuma menção à questão ecológica até o encontro mundial sobre meio ambiente em 1972. (BOFF, 2003. p.16)

<sup>47</sup>SIQUEIRA, 2010. p.87

<sup>48</sup>Nosso Futuro Comum, 1987, apud SIQUEIRA, 2010, p.88

fundamentais para o desenvolvimento sustentável: “a proteção do meio-ambiente, o crescimento econômico e a igualdade social.” Dentre suas recomendações está uma chamada para a criação de uma “Declaração Universal de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável” na forma de uma “nova carta” com princípios para orientar as nações na transição para um desenvolvimento sustentável. Inspirado nesta recomendação, Maurice F. Strong<sup>49</sup> propôs em 1990 que a Cúpula da Terra esboçasse e adotasse uma Carta da Terra<sup>50</sup> a qual serviria para regular as relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento<sup>51</sup>.

Em 1992 foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD, conhecida como ECO-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra) “cujo principal objetivo era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra”<sup>52</sup>. A Resolução 44/228 da ONU, que convocou a Conferência RIO-92, reconhece que “pobreza e degradação ambiental se encontram intimamente relacionadas” e, “se há uma síntese possível para este final de século, pode-se caracterizá-la como o esgotamento de um estilo de desenvolvimento que se mostrou ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto”<sup>53</sup>.

Durante a Cúpula da Terra foi elaborada a “Agenda 21” com a proposta de um modelo de desenvolvimento comprometido com a preservação da vida no planeta. Este documento “estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais”<sup>54</sup>. As 175 nações presentes na CNUMAD aprovaram e assinaram a Agenda 21, comprometendo-se a respeitar os seus termos. Este documento está dividido em quatro seções:

---

<sup>49</sup>Maurice F. Strong é canadense e foi o coordenador geral da Cúpula da Terra durante a Rio-92. (BOFF, 2003. p.17)

<sup>50</sup>Maiores informações em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/history2.html>, acesso em 11 de janeiro de 2012

<sup>51</sup>BOFF, 2003. p.16

<sup>52</sup>Siqueira, 2010. p.88

<sup>53</sup>Disponível em:

[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/agenda\\_21\\_global.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/agenda_21_global.pdf) acesso em 15 de abril de 2012

<sup>54</sup>Siqueira, 2010. p.88

a) *dimensões sociais e econômicas* (trata das políticas internacional que podem ajudar na viabilização do desenvolvimento sustentável, das estratégias de combate à pobreza e à miséria e da necessidade de introduzir mudanças nos padrões de produção e de consumo);

b) *conservação e gestão dos recursos para o desenvolvimento* (trata do manejo dos recursos naturais e dos resíduos e substâncias tóxicas);

c) *fortalecimento do papel dos principais grupos sociais* (indica as ações necessárias para promover a participação, principalmente das ONGs);

d) *meios de implementação* (tratando dos mecanismos financeiros e dos instrumentos jurídicos para a implementação de projetos e programas com vistas ao desenvolvimento sustentável).<sup>55</sup>

Paralelamente à realização da CNUMAD aconteceu o Fórum Global 92, promovido pelas entidades da Sociedade Civil no qual participaram cerca de 10 mil representantes de Organizações Não-Governamentais (ONGs) das mais variadas áreas de atuação de todo o mundo. Neste Fórum foi redigida a primeira minuta da “Carta da Terra”. Segundo Boff(2003) a ideia era que a Carta funcionasse como um cimento ético a conferir coerência e unidade a todos os projetos da Conferência Rio 92, no entanto, não houve consenso entre os governos, e estes adotaram a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Agenda 21.

### **III.3 - a Carta da Terra – pelos povos da Terra**

Em 1994, Maurice Strong, então Presidente do Conselho da Terra, uniu-se a Mikhail Gorbachev, presidente da Cruz Verde Internacional, para lançar uma nova iniciativa da Carta da Terra. Esta união recebeu apoio do governo holandês e tinha como proposta conduzir o projeto como uma iniciativa da sociedade civil para esboçar uma carta que articulasse o consenso em relação a valores e princípios para um futuro sustentável, emergente na sociedade civil global. Em 1995 foi

---

<sup>55</sup> Moacir Gadot em seu texto “Agenda 21 e Carta da Terra”, disponível em: [http://www.cartadaterra.com.br/pdf/Agenda21\\_CT2002.pdf](http://www.cartadaterra.com.br/pdf/Agenda21_CT2002.pdf), acesso em 27 de novembro de 2011

estabelecida a secretaria da Carta da Terra junto ao Conselho da Terra, na Costa Rica. No final de 1996 foi formada uma Comissão da Carta da Terra para acompanhar o processo de esboço da Carta, que incluía 23 personalidades das principais regiões do mundo<sup>56</sup>.

Em março de 1997, durante o Fórum Rio+5, foi apresentado o primeiro esboço da Carta da Terra e nos anos de 1998 e 1999 foram realizadas amplas discussões em todos os continentes e em todos os níveis sobre a carta. Segundo Boff (2003), cerca de 46 países e mais de cem mil pessoas foram envolvidas.

“Centenas de organizações e milhares de pessoas participaram da elaboração da Carta da Terra, que contou com quarenta e cinco comitês nacionais. Diálogos em torno da Carta foram conduzidos ao redor do mundo e através da Internet, e grandes conferências regionais foram realizadas na Ásia, África, Américas Central, do Sul e do Norte e Europa”.<sup>57</sup>

De acordo com os dados históricos, o documento da Carta da Terra deveria ser visto como produto do movimento ético global, que inspirou a Declaração Universal dos Direitos Humanos e conquistou amplo apoio nos anos 90. As ideias e valores da Carta da Terra refletem a influência de uma grande variedade de fontes intelectuais, movimentos sociais, incluindo a sabedoria das religiões e tradições filosóficas, bem como uma nova perspectiva científica mundial, influenciada por disciplinas como cosmologia e ecologia<sup>58</sup>.

A Carta da Terra foi retificada em março de 2000 na UNESCO. O texto oficial é aberto a discussões e novas incorporações até que seja proposto ao endosso da ONU. O documento reflete as preocupações e aspirações expressas nas sete cúpulas das Nações Unidas realizadas nos anos 90, em torno dos temas de meio ambiente, direitos humanos, população, crianças, mulheres, desenvolvimento social e cidades. E também reconhece a importância da divulgação da democracia participativa e deliberativa para o desenvolvimento humano e a proteção ambiental.

---

<sup>56</sup>Maiores informações em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/history2.html>, acesso em 11 de janeiro de 2012

<sup>57</sup>Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/history2.html>, acesso em 11 de janeiro de 2012

<sup>58</sup>Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/history2.html>, acesso em 11 de janeiro de 2012

Além disso, as perspectivas desenvolvidas pelas ciências da Terra, pela nova cosmologia, pela física quântica, pela biologia contemporânea e os pontos mais seguros do paradigma holístico da ecologia estão presentes no texto oficial da Carta da Terra<sup>59</sup>.

O documento da Carta da Terra se tornou a declaração dos povos sobre a interdependência global e a responsabilidade universal, que estabelece os princípios fundamentais para a construção de um mundo justo, sustentável e pacífico. Seus princípios estão concebidos para servir “como padrão comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos e instituições transnacionais será dirigida e avaliada”<sup>60</sup>.

A Carta da Terra propõe percebermos a Terra como o nosso lar, como uma comunidade de vida única com condições essenciais para a evolução da vida. Em seu preâmbulo sugere reconhecermos o meio ambiente global, com seus recursos finitos, como uma preocupação comum de todos, e lembra que a proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra deve ser realizada como um dever sagrado. Essa declaração dos povos nos convida a viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local.

### **III.4 - Cúpula dos Povos Rio+20**

Em junho de 2012, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro a Rio +20, marcando os vinte anos da realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92) e da concepção da Agenda 21. O objetivo da Conferência era de renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto ocorridas desde 1992 e tratar de temas novos e emergentes. Na pauta do evento estava a discussão sobre a chamada “economia verde” e a “institucionalidade global”.

Paralelo à Conferência foi realizada a Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental. O evento foi organizado pela sociedade civil global e faz parte de um processo de acúmulo histórico de convergências das lutas locais, regionais e

---

<sup>59</sup>BOFF, 2003. p.18

<sup>60</sup>Preâmbulo da Carta da Terra, disponível em: <http://www.cartadaterra.com.br/ctoriginal.htm>  
Acesso em 27 de Novembro 2011

globais<sup>61</sup>. A Cúpula dos Povos transformou o momento da Rio+20 numa oportunidade para tratar dos graves problemas enfrentados pela humanidade e demonstrar a força política dos povos organizados. Os seus organizadores consideraram insatisfatória a pauta oficial da Rio+20 para lidar com a crise do planeta, causada pelos modelos de produção e consumo capitalistas. Neste sentido, a Cúpula dos Povos foi organizada em três eixos temáticos que foram, a saber: denunciar as causas da crise socioambiental, apresentar soluções práticas e fortalecer movimentos sociais do Brasil e do mundo.

Movimentos sociais e populares, sindicatos, povos, comunidades tradicionais e intencionais, organizações da sociedade civil e ambientalistas de todo o mundo estiveram presentes na Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental e vivenciaram a construção das convergências e alternativas, conscientes de que somos sujeitos de uma outra relação entre humanos e humanas e entre a humanidade e a natureza, assumindo “o desafio urgente de frear a nova fase de recomposição do capitalismo e de construir, através de nossas lutas, novos paradigmas de sociedade”<sup>62</sup>. A Cúpula dos Povos foi assim definida em sua Declaração Final:

“A Cúpula dos Povos é o momento simbólico de um novo ciclo na trajetória de lutas globais que produz novas convergências entre movimentos de mulheres, indígenas, negros, juventudes, agricultores/as familiares e camponeses, trabalhadore/as, povos e comunidades tradicionais, quilombolas, lutadores pelo direito a cidade, e religiões de todo o mundo. As assembléias, mobilizações e a grande Marcha dos Povos foram os momentos de expressão máxima destas convergências.”<sup>63</sup>

De acordo com o documento final da Cúpula, as instituições financeiras multilaterais, as coalizações a serviço do sistema financeiro, como o G8/G20, a captura corporativa da ONU e a maioria dos governos demonstraram

---

<sup>61</sup>Maiores informações em: <http://cupuladospovos.org.br/o-que-e/> acesso em 16 de abril de 2012

<sup>62</sup>CUPULA DOS POVOS VER SITE PARA CITAR DECLARAÇÃO FINAL COMPLETAR CITAÇÃO Ver em: <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/> acesso em 29 de junho de 2012

<sup>63</sup>DECLARAÇÃO FINAL CUPULA VER SITE COMPLETAR CITAÇÃO <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/> acesso em 29 de junho de 2012

irresponsabilidade com o futuro da humanidade e do planeta e promoveram os interesses das corporações na conferência oficial da Rio+20.

“A Rio+20 repete o falido roteiro de falsas soluções defendidas pelos mesmos atores que provocaram a crise global. À medida que essa crise se aprofunda, mais as corporações avançam contra os direitos dos povos, a democracia e a natureza, sequestrando os bens comuns da humanidade para salvar o sistema econômico-financeiro”<sup>64</sup>.

A Declaração final da Cúpula dos Povos ainda afirma:

“A dita “economia verde” é uma das expressões da atual fase financeira do capitalismo que também se utiliza de velhos e novos mecanismos, tais como o aprofundamento do endividamento público-privado, o super-estímulo ao consumo, a apropriação e concentração das novas tecnologias, os mercados de carbono e biodiversidade, a grilagem e estrangeirização de terras e as parcerias público-privadas, entre outros”<sup>65</sup>.

Em contraste a essas questões, o documento sinaliza que a vitalidade e a força das mobilizações e dos debates na Cúpula dos Povos fortaleceram a convicção de que só o povo organizado e mobilizado pode libertar o mundo dessa realidade.

“As alternativas estão em nossos povos, nossa história, nossos costumes, conhecimentos, práticas e sistemas produtivos, que devemos manter, revalorizar e ganhar escala como projeto contra-hegemônico e transformador”<sup>66</sup>.

A Declaração Final dos povos propõe alternativas focadas na soberania dos povos e enfatiza que “a defesa dos bens comuns passa pela garantia de uma série de direitos humanos e da natureza, pela solidariedade e respeito às cosmovisões e

---

<sup>64</sup> <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/>  
acesso em 29 de junho de 2012

<sup>65</sup> <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/>  
acesso em 29 de junho de 2012

<sup>66</sup> <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/>  
acesso em 29 de junho de 2012

crenças dos diferentes povos, como, por exemplo, a defesa do “Bem Viver” como forma de existir em harmonia com a natureza, o que pressupõe uma transição justa a ser construída com os trabalhadores/as e povos”<sup>67</sup>. O documento também defende que “a diversidade da natureza e sua diversidade cultural associada é fundamento para um novo paradigma de sociedade”.

### **III.5 - desafio planetário**

Estamos entrando numa grande revolução sociocultural denominada revolução planetária, afirma Boff (1998). Os seres humanos que estavam dispersos em estados-nações agora estão se encontrando numa única casa comum que é o Planeta Terra.

“Estamos instaurando o princípio-Terra. Estamos aprendendo a respeitar, a venerar e a amar a Terra, como pátria e mátria comum. Na medida em que nos reencantamos com sua grandiosidade e complexidade e na medida também em que cresce o sentimento de sua perda” (BOFF, Op. Cit., p.112)

Se continuarmos no tipo de desenvolvimento dominante vamos nos expor ao risco constante de uma catástrofe ecológica.<sup>68</sup> Boff sugere, diante deste imenso poder construtivo ou destrutivo, que o primeiro desafio global que se apresenta é: conservar a Terra, preservar seu equilíbrio dinâmico, sua sustentabilidade, sua biodiversidade, sua capacidade de regeneração e as condições de seu ulterior desenvolvimento.<sup>69</sup>

### **III.6 - Arte, cultura e o fazer sustentável**

Quando pensamos o ser humano autopoético como um ser de arte, com capacidade criativa e de transformação em inter-relação direta com o ambiente e os demais seres, torna-se relevante considerar o seu potencial estético ao tratar de questões e políticas que refletem diretamente na preservação da vida no planeta.

Siqueira (2010), em seus argumentos para uma pesquisa eco-poética da cena, chama a atenção para a cultura e as artes como elementos importantes para se realizar a sustentabilidade planetária. Segundo o pesquisador, a declaração da Rio

---

<sup>67</sup> <http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/>  
acesso em 29 de junho de 2012

<sup>68</sup> BOFF, 1998. p.113

<sup>69</sup>BOFF, 1998. p.112

92, Agenda 21, faz alusão à questão em seu artigo 21 ao sustentar que “a criatividade, os ideais e o valor da juventude do mundo inteiro tem de ser modificados” e, no artigo 22, menciona a cultura dos povos indígenas e suas comunidades<sup>70</sup>.

De acordo com Siqueira (2010), em 1998, na conferência sobre políticas culturais para o desenvolvimento, realizada pela UNESCO, em Estocolmo, foi reconhecido o desenvolvimento sustentável como base fundamental para a conservação e promoção da diversidade cultural e também foi relacionado cultura e desenvolvimento sustentável com a afirmação de que “desenvolvimento sustentável e progresso cultural dependem reciprocamente um do outro”<sup>71</sup>.

Em 2001, na conferência da Sociedade Alemã para Política Cultural (Institut für Kulturpolitik der Kulturpolitischen Gesellschaft), foi publicado o Manifesto de Tutzing<sup>72</sup>. Siqueira (2010) afirma que este manifesto propõe que os artistas, e a arte envolvam-se com a questão da sustentabilidade e serviu de estímulo aos participantes da Conferência Mundial de Desenvolvimento Sustentável, realizada em 2002 em Johannesburgo, na África do Sul, a se posicionarem em favor de “uma implicação estrutural da dimensão cultural e estética nas estratégias para que realmente seja realizado o desenvolvimento sustentável”. Desde então foram realizados uma série de simpósios e eventos anuais sobre as interfaces entre os pensamentos artístico e ambiental<sup>73</sup>.

O Manifesto de Tutzing foi assinado por artistas e intelectuais de todo o mundo ligados às atividades criativas e considera “imprescindível conjugar o que foi começado nos processos da Agenda 21, com a política cultural”. O texto enfatiza que a eficácia da Agenda 21 está relacionada com o envolvimento daqueles e daquelas que “possuem a capacidade de dar vida a ideias, visões e experiências existenciais através de símbolos, ritos e práticas que podem ser transmitidas à sociedade” e, na medida em que a questão Sustentável ganhar força no debate dentro do campo da prática cultural, será considerada séria e crescerá sua atração

---

<sup>70</sup>Siqueira, 2010. p.88-89

<sup>71</sup>UNESCO 1998, apud Siqueira, 2010. p.89

<sup>72</sup>Ver em: [http://www.kupoge.de/ifk/tutzingermanifest/tuma\\_p.htm](http://www.kupoge.de/ifk/tutzingermanifest/tuma_p.htm) acesso em 02 de abril de 2012

<sup>73</sup> Em 2006, em Budapeste, Hungria, aconteceu o Simpósio Internacional em Sustentabilidade e Arte Contemporânea. Em 2007, em Lüneburg, Alemanha, aconteceu a conferência da Rede de Pesquisa em Sociologia da Arte da Associação Européia de Sociologia, o simpósio: “Novas Fronteiras em Sociologia da Arte: Criatividade, Suporte e Sustentabilidade” (Siqueira, 2010). Ver em: <http://www.translocal.org/sustainability/indexsus1.html>

e prestígio social. O documento afirma que o “Sustentável” deve fascinar e ser atrativo, despertar os sentidos e ser lógico e dessa forma a “categoria beleza transforma-se em matéria construtiva elementar de um futuro com futuro, em um meio de vida acessível a todos seres humanos”. E diz:

“(…) a idéia fundamental do desenvolvimento sustentável implica um desafio cultural, pois exige revisões importantes de normas, valores e práticas legadas em todos os sectores, desde a política, passando pela economia até a vida em si. Tudo que é sustentável necessita e produz cultura: como modo de comunicação e atuação que cria formas, que desenvolve, reflete, modifica através de orientações de valores e contrabalança interesses econômicos, ecológicos e sociais”<sup>74</sup>.

A Carta da Terra também faz referência, em seu primeiro princípio, a arte e sugere a garantia da generosidade e beleza da Terra para as atuais e futuras gerações apontando para a importância de transmitir valores e tradições que contribuam para a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

- I Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida
1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.
    - a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano.
    - b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade. (...)
  4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.
    - a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
    - b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apóiem, a longo termo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra. (Carta da Terra)

---

<sup>74</sup>Disponível em: [http://www.kupoge.de/ifk/tutzinger-manifest/tuma\\_p.htm](http://www.kupoge.de/ifk/tutzinger-manifest/tuma_p.htm) acesso em 02 de abril de 2012

## IV – “Comum.unidades”

### IV.1- A comum ancestralidade: saberes, ritos e tradições

*“No encontro das gerações são reveladas as leis fundamentais, e sobre elas não se escreve, se sabe. É sabido que tudo continua. A planta continua no remédio. O remédio continua no homem. O homem no outro homem e na onça. A onça na outra onça e na capivara. A capivara continua na terra, a terra é o mesmo que a água, a água é o próprio céu refletido. Tudo continua e cuida.”(MALTY, Op. Cit, p.27)<sup>75</sup>*

Somos a continuidade ancestral do complexo processo de auto-organização da matéria e da energia do universo que forma a teia da vida<sup>76</sup>. Essa teia histórica é repleta de cores, sons, ritos, movimentos, sonhos, mitos, saberes que foram se eternizando por gerações. Como sabemos, foi de geração em geração, que nossos antepassados teceram as rédeas da vida em estreita relação com a natureza. Nos dias de hoje, muitos povos e comunidades tidas como tradicionais mantêm a interação direta com a natureza para prover sua sobrevivência e procuram, através da oralidade, repassar os costumes, de pai para filho, a fim de dar continuidade as tradições recebidas dos seus antepassados<sup>77</sup>.

Dentre os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades de terreiro, os extrativistas, os ribeirinhos, os caboclos, os pescadores artesanais, os pomeranos, dentre outros<sup>78</sup>. Eles são assistidos pelo MDS<sup>79</sup> através do Decreto 6.040/2007 que institui a Política

---

<sup>75</sup>Malty, 2007. p.27

<sup>76</sup>BOFF, 1998. p. 59

<sup>77</sup>Dorsa, Arlinda C; Terra, Eva M. As comunidades tradicionais, história, tradições, memória e perspectivas de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <http://neppi.org/anais/Gestao%20territorial%20e%20sustentabilidade/As%20comunidades%20tradicionais.%20hist%F3ria.%20tradi%E7%F5es.%20mem%F3ria%20e%20perspectivas%20de%20desenvolvimento%20sustent%E1vel.pdf> acesso em 18 de agosto de 2011

<sup>78</sup>Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/povosecomunidadestradicionais> acesso em 17 de outubro de 2011

<sup>79</sup>Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, disponível em : <http://www.mds.gov.br/> acesso em 14 de agosto de 2012.

Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs)<sup>80</sup>. O artigo 3º deste Decreto define essas comunidades da seguinte maneira:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.<sup>81</sup>

Distribuídos por diferentes partes do mundo, os povos e as comunidades tradicionais possuem conhecimentos e práticas adequadas ao meio natural em que vivem, que os tornaram verdadeiros “guardiões do patrimônio biogenético do planeta”<sup>82</sup>. Neste sentido, é cada vez mais reconhecida a importância desses povos e sua sabedoria ancestral para a conservação e uso sustentável dos recursos naturais.

A sabedoria ancestral pode ser entendida como conhecimento tradicional e sua definição tal como sugere Diegues:

“O Conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano / industrial e transmitidos oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo as indígenas, existe uma interligação entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social.”<sup>83</sup>

Malty (2007) nos atenta para a possibilidade de perda desses conhecimentos

---

<sup>80</sup>No dia 7 de fevereiro de 2007, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) através da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, instituiu, por meio do Decreto 6.040/2007, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/povosecomunidadestradicionais> acesso em 17 de outubro de 2011

<sup>81</sup>BRASIL. Decreto n. 6.040/2007, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em:

<sup>82</sup>Sarita Albagali, 2005. apud MOREIRA, 2007 p.36

<sup>83</sup>Diegues, 2000 apud Malty, 2007.p.33-34

tradicionais, tão variados a respeito de recursos naturais, diante do avanço tecnológico e da massificação de informações que chegam como verdades absolutas.

“Perde-se, ao longo do tempo, peculiaridades dos saberes locais a respeito dos recursos naturais, perdendo-se assim inúmeras possibilidades de associação do conhecimento tradicional, de informações ou de práticas com valor potencial ou real associados ao patrimônio genético.”<sup>84</sup>

Trata-se de valores e saberes ancestrais que mantiveram a co-existência humana integrada a vida natural. Neste sentido, torna-se imprescindível...

“(...) buscar esta sabedoria no convívio social entre aqueles que puderam manter uma ligação próxima com a natureza que os envolve, aprendendo com ela os valores naturais, ouvindo a partir dela, diariamente, a voz de seus antepassados e tornando-se universal dentro de uma aldeia, onde parecem existir algumas centenas de índios, mas onde estão vivos milhares deles”.(MALTY, Op. Cit. p.48)

Cabe não só buscar essa sabedoria como aprender com esses guardiões da biodiversidade da terra como cuidar, cultivar, construir, respeitar, partilhar, curar, amar e festejar a vida e os recursos naturais da Terra. Aprender sobre os seus ritos e sua arte de forma que possamos criar e compartilhar poéticas em sintonia com a sustentabilidade da vida planetária, independentes da lógica hegemônica de opressão, exploração, e consumo e nos reconhecer mais próximos e em comum. unidade com a Terra.

#### **IV.2 - .unidades intencionais – ecovilas**

“Sociedades primitivas e tradicionais estão em simbiose com a natureza e, antes disso com o semelhante, com a comunidade. Essa unicidade fortalece o sentido das partes. Partes completas do todo.”(MALTY, Op. Cit. p.38)

Aproximando-se desse sentido da vida em comunidade junto a natureza e procurando adequar os saberes tradicionais a novas tecnologias de baixo impacto

---

<sup>84</sup>Malty, 2007. p.34

ambiental, temos as ecovilas, as quais, de acordo com a Rede Global de Ecovilas - GEN<sup>85</sup>, existem na história da humanidade há milênios, pois trata-se de comunidades nas quais as pessoas vivem próximas a natureza e com apoio de estruturas sociais<sup>86</sup>.

Atualmente ecovilas estão sendo criadas de forma intencional, para que as pessoas possam viver em comunidades que estão conectadas com a Terra de modo a garantir o bem-estar de todas as formas de vida num futuro indefinido.<sup>87</sup>

Segundo os estudos de Esteves (2010), as comunidades intencionais são aquelas que se formaram conscientemente em torno de valores tradicionais específicos e de uma distinção cultural, de modo a recuperar o controle dos seus destinos econômicos face às pressões estabelecidas pela globalização econômica vigente<sup>88</sup>. Tratam-se de:

“(…) modelos de desenvolvimento que combinam uma alta qualidade de vida, a preservação dos recursos naturais e a promoção de uma abordagem holística, integrando no habitat humano a ecologia, educação, decisões participadas, tecnologias e negócios verdes. Assumem as características culturais da bio-região em que se inserem e tipicamente integram quatro dimensões: social, ecológica, cultural e espiritual, combinadas numa abordagem sistêmica e holística, promovendo o desenvolvimento pessoal.”(GEN, 2010 apud ESTEVES, 2010 p.41)

As comunidades intencionais trazem em sua constituição raízes da tradicional vida em comunidade, como sugere Esteves ao citar Robert J. Rosenthal, Professor de Filosofia na Universidade de Hanover:

“(…) as Ecovilas são o mais novo e poderoso tipo de comunidades intencionais. Elas unem duas verdades

---

<sup>85</sup>A Rede Global de Ecovilas (GEN - Global Ecovillage Network) é uma rede de comunidades sustentáveis e iniciativas culturais de diferentes países e continentes, atuando como organização que potencializa ações entre ecovilas, iniciativas municipais de transição, comunidades intencionais, e indivíduos com mentalidade ecológica dedicados a restaurar a terra e a viver uma vida cooperativa sustentável no planeta. O seu principal objetivo é apoiar e incentivar a evolução de assentamentos sustentáveis em todo o mundo. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/about-gen.html> acesso em 08 de julho de 12

<sup>86</sup>GEN, 2012 <http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 12

<sup>87</sup>GEN, 2012 <http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 12

<sup>88</sup>Dawson, 2010). Esteves 2010 p.42

profundas: a vida humana atinge o seu melhor em comunidades pequenas, saudáveis e de apoio e o único caminho sustentável para a humanidade está na recuperação e aperfeiçoamento da vida tradicional em comunidade”<sup>89</sup>.

As Ecovilas podem ser entendidas como comunidades intencionais ou comunidades sustentáveis<sup>90</sup>, urbanas ou rurais, nas quais as pessoas procuram integrar um ambiente social que dê suporte a um modo de vida de baixo impacto ambiental. Para alcançar este objetivo, são integrados vários aspectos de designer ecológico, permacultura<sup>91</sup>, construção ecológica, produção “verde”, energia alternativa, bioconstrução, entre outros<sup>92</sup>.

De acordo com Marcelo Bueno<sup>93</sup> (2008), as habitações auto sustentáveis são um paradigma da arquitetura do novo milênio, onde os assentamentos populares irão consumir menos energia elétrica, reciclar dejetos, economizar água com reciclagens de esgoto e captação de água de chuva. O bio-arquiteto ainda afirma que estas habitações em ecovilas terão áreas verdes em sistema agrofloretais que servem tanto para reflorestamento, preservação ambiental, lazer, como também para a produção de alimentos.

Em geral, as ecovilas existentes no mundo possuem entre 20 e 3.000 pessoas, sendo normalmente gerenciadas por um conselho responsável pela gestão participativa e a tomada de decisões que permitam o desenvolvimento orgânico das

---

<sup>89</sup>Rosenthal apud Jackson, 2008 apud Esteves 2010 p.43

<sup>90</sup>Alverca, Ana Tereza do Nascimento Coimbra. Ecovilas: Um Paradigma Ambiental Que Permeia O Século XXI. Artigo publicado pelo site Meio Ambiente UERJ Segunda-Feira, 5 de agosto de 2002. Disponível em: <http://www.meioambiente.uerj.br/emrevista/artigos/ecovilas.htm> acesso em 15 de abril de 2012

<sup>91</sup>A palavra permacultura foi cunhada por Bill Mollison e David Holmgren no anos 70, e seu conceito atual mais abrangente é: *“Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais.”* As pessoas e a forma como se organizam são as questões centrais para a permacultura. Sendo assim, a visão da permacultura de uma agricultura permanente ou sustentável evoluiu para uma visão de uma cultura permanente sustentável. (HOLMGREN, 2007, p. 3-4)

<sup>92</sup>Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 2012.

<sup>93</sup>Marcelo Bueno é fundador do Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA), Ubatuba/SP, Membro do Ecovillage Network of The Americas (ENA), Membro da Rede de Ecovilas do Brasil, Bio-arquiteto, trabalha com projetos de construções ecológicas e sistemas de reciclagem e re-uso de águas servidas e com desenvolvimento de projetos de residências sustentáveis. Disponível em: <http://www.ipemabrasil.org.br/cursos2011.html> acesso em 8 de julho de 2012.

atividades e projetos comunitários<sup>94</sup>.

Atualmente existem milhares de Ecovilas em todo o mundo, são cerca de 347 registradas oficialmente na Rede Global de Ecovilas – GEN. No entanto, Esteves (2010) afirma que é impossível saber exatamente quantas comunidades existem no mundo, já que muitas começaram como iniciativas locais e ainda não estão registradas formalmente.

As ecovilas foram oficialmente nomeadas pela ONU, em 1998, na “lista top 100” das Melhores Práticas de modelos excelentes de vida sustentável<sup>95</sup>, e foram incorporadas pelas Nações Unidas no Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis (SCDP), Sustainable Community Development Programme - UNDP (UNEP/96/G81)<sup>96</sup>. Desde 2000 a Rede Global de Ecovilas - GEN faz parte do estatuto consultivo ECOSOC<sup>97</sup> das Nações Unidas e é representada nas sessões informativas regulares na sede da ONU<sup>98</sup>.

As ecovilas são uma forma eficaz e acessível de combater a degradação de nossos ambientes sociais e ecológicos e mostram, com exemplos práticos, como é possível avançar de forma imediata em direção a sustentabilidade planetária no século 21.<sup>99</sup> Dentre as suas ações para a promoção da auto-sustentabilidade estão: produção local e orgânica de alimentos; utilização de sistemas de energia renováveis; utilização de material de baixo impacto ambiental nas construções; diversidade cultural e espiritual; governança circular, incluindo experiência com novos processos de tomada de decisão e consenso; socio-economia solidária; educação transdisciplinar; saúde integral; comunicação global<sup>100</sup>.

“Os exemplos das Ecovilas reproduzem conceitos que se reúnem numa prática constante de mudanças de nossos hábitos e crenças, comportamentos individuais e coletivos; harmonizar o planeta, de forma equilibrada e inovadora;

---

<sup>94</sup>Disponível em: <http://www.ipemabrasil.org.br/ecovila.htm> Acesso em 9 de julho de 2012

<sup>95</sup>Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 2012

<sup>96</sup>Alverca, Ana Tereza do Nascimento Coimbra. Ecovilas: um Paradigma Ambiental que permeia o Século XXI Artigo publicado pelo site Meio Ambiente UERJ Segunda-Feira, 5 de agosto de 2002. Disponível em: <http://www.meioambiente.uerj.br/emrevista/artigos/ecovilas.htm> acesso em 15 de abril de 2012

<sup>97</sup>ECOSOC é o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas.

<sup>98</sup>Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/activities/unitednationsadvocacy.html>, acesso em 9 de julho de 2012.

<sup>99</sup><http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 12

<sup>100</sup>Disponível em: <http://www.ybytucatu.com.br/terrauna.html> acesso em 9 de jul. de 12

ceder a estilos de vida mais saudáveis, com planos de ação, visando a proteção do meio ambiente e a utilização racional dos recursos naturais. A mudança de consciência posiciona o homem frente à natureza, no compromisso de cada um, como se todos fossem integradores de uma grande ação, a sustentabilidade do planeta, em que o objetivo é a conservação da vida global. (ALVERCA, 2002, s/p)

### **IV.3 – As comunidades escolhidas**

Foi com base nestes pressupostos que escolhemos as comunidades -a comunidade intencional “Eco-vila Terra Una”, localizada no município de Liberdade-MG e a comunidade tradicional “Quilombo”, situada na cidade de Ressaquinha-MG -nas quais iríamos realizar nossa pesquisa prática, especialmente no que se referia à observação a qual, como mencionamos no prefácio não pode ser realizada por falta de recursos, apesar de o projeto ter sido aprovado tendo esta etapa prevista

## **V - Por onde passa o olhar: à guisa de metodologia**

### **V.1 – Pesquisa qualitativa**

Para realizar a parte prática da pesquisa, a saber, a observação das práticas corpóreas dos moradores das comunidades escolhidas para a realização de uma proposição de elementos para uma ecopóetica de trabalho do ator-dançarino, o trabalho partiu do entendimento da pesquisa como diálogo inteligente e crítico com a realidade<sup>101</sup> da qual somos parte e da consideração do pressuposto de que nenhum método é capaz de compreender todas as variações sutis na experiência humana contínua<sup>102</sup>. Dessa forma, encontramos na pesquisa qualitativa uma multiplicidade de métodos interpretativos interligados que refletem a tentativa de assegurar uma melhor compreensão das realidades aqui estudadas<sup>103</sup>, razão pela qual foi por ela que optamos seguir.

Na Pesquisa Qualitativa, como expõe Chizzotti (1991), o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. De acordo com o pesquisador a abordagem

---

<sup>101</sup>DEMO, 2001. p.10

<sup>102</sup>Denzin et al. 2006 p.33

<sup>103</sup>Denzin et al. 2006. p.19

qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e sua subjetividade, e o objeto<sup>104</sup>. Nesta abordagem o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa e o objeto não é um dado inerte ou neutro, pelo contrário, está possuído de significados e relações de sujeitos concretos em suas ações.

Para Denzin *et al.* (2006) a pesquisa qualitativa implica numa ênfase sobre as qualidades das entidades, sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, volume, intensidade, frequência. Os pesquisadores qualitativos, segundo esses estudiosos, ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Eles enfatizam a natureza repleta de valores da investigação e buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado. Enquanto os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e de analisar as relações causais entre variáveis e não os processos, os estudiosos dessa forma de pesquisa alegam que o trabalho é feito a partir de um esquema livre de valores<sup>105</sup>.

Segundo Chizzotti (Op. Cit., p.77 ), a hegemonia das pesquisas positivistas nas ciências humanas e sociais que privilegiavam a busca da estabilidade constante dos fenômenos humanos, a estrutura fixa das relações e a ordem permanente dos vínculos sociais foi questionada pelas pesquisas que se empenharam em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Estas pesquisas foram influenciadas pelo desenvolvimento da física atômica, a teoria da relatividade, da termodinâmica e da cosmologia que revelaram a complexidade imprevisível dos fenômenos, a mutabilidade, a influência e a instabilidade dos eventos naturais.

“Partindo de fenômenos aparentemente simples de fatos singulares, essas novas pesquisas valorizaram aspectos qualitativos dos fenômenos, expuseram a complexidade da vida humana e evidenciaram significados ignorados da vida social. Os pesquisadores que adotaram essa orientação se

---

<sup>104</sup>Op. Cit.Chizzotti, 1991, p.79

<sup>105</sup>Denzin *et al.* 2006 p.23

subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou, então, dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão.” (Id. p. 78)

Quando analisamos qualquer realidade, como afirma Demo (2001), fazemos com o olhar de dentro, contextualizado, cuja posição condiciona intrinsecamente o processo de captação. Não só por razões hermenêuticas, mas por razões evolucionárias naturais. Em diálogo com Maturana e Varela (1984 e 1994), Demo (2001) considera que como observador não vemos qualquer coisa, mas sim, o que nosso aparato perceptor consegue ver, condicionado pela história evolucionária biológica<sup>106</sup>. Partindo dessa visão, ele afirma que podemos reconhecer que “compreendemos a realidade como parte integrante dela, não como instância que se lhe sobrepõe”<sup>107</sup>.

Por seu turno, Denzin *at all.* (opt. Cit) consideram a pesquisa qualitativa uma atividade situada que localiza o observador no mundo<sup>108</sup> e consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. De acordo com os autores, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa para o mundo, o que significa que os pesquisadores que dela se utilizam, estudam os fenômenos em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem<sup>109</sup>.

Juntamente com Lincoln (2006), Denzin fala do pesquisador qualitativo como *bricoleur*, como um indivíduo que coleciona colchas, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens<sup>110</sup> e retoma Lévi-Strauss quando este diz que um *bricoleur* é um pau-para-toda-obra ou um profissional do faça-você-

---

<sup>106</sup>Maturana e Varela 1984 e 1994 apud DEMO, 2001. Pp. 11

<sup>107</sup>IdId

<sup>108</sup>Denzin at all. Op. Cit.,p.17

<sup>109</sup>IdId

<sup>110</sup>Denzin at all. Op. Cit.,, p.18

mesmo<sup>111</sup>. Desta forma o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance<sup>112</sup>. Segundo os autores citados, as opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência. A “escolha das práticas da pesquisa dependem das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto”<sup>113</sup>, do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário<sup>114</sup>.

Esse tipo de prática interpretativa, como explica Denzin et all. (Op. Cit.), envolve questões estéticas que extrapolam o prático. “O pesquisador que emprega a montagem é um confeccionador que costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa”<sup>115</sup>. E complementa:

“O produto do trabalho do *bricoleur* interpretativo é uma *bricolage* complexa (que lembra uma colcha), uma colagem ou uma montagem reflexiva – um conjunto de imagens e de representações mutáveis, interligadas. Essa estrutura interpretativa é como uma colcha, um texto de *performance*, uma sequência de representações que ligam as partes do todo.” (DENZINat all. op. Cit. p.20)

Tendo em vista que o presente estudo teórico-prático é instigado por princípios artísticos, autopoéticos e de vida sustentável, sendo um de seus objetivos formular uma proposição artística a partir da vivência estudada, entendemos que a pesquisa qualitativa e suas possibilidades de relação do sujeito-observador com a realidade e de bricolagem interpretativa apresenta-se como a abordagem mais significativa para a realização deste trabalho.

## **V.2 - Trançando Poéticas**

### ***V.2.1 – Considerações sobre Ecopoética***

---

<sup>111</sup>Lévi-Strauss, 1996, p.17, apud Denzin at all. 2006 p18

<sup>112</sup>Becker, 1998, p.2 apud Denzin at all. 2006 p.18-19

<sup>113</sup>Nelson et al., 1992, p.2 apud Denzin at all. 2006

<sup>114</sup>Denzin at all. 2006 p.18-19

<sup>115</sup>Denzin at all. 2006 p18

Um dos propósitos desta pesquisa é trabalhar o potencial artístico e criativo do ator-dançarino, como ser autopoético, com seu corpo-arte no mundo a criar e recriar-se, estabelecendo relações, conexões, trocas, expressando-se com sua linguagem sensível no movimento da vida, e, desta forma, instigar a criação de uma eco-poética nas artes cênicas que possa contribuir para gerar uma sociedade global sustentável.

A eco-poética, aqui estudada, como anteriormente mencionado, esta associada ao neologismo eco-poiesis (eco=casa, poiesis=produção) proposto pelo geneticista e biofísico canadense Robert Haynes (1990) referindo-se à criação de um ecossistema sustentável em planetas sem vida<sup>116</sup>. De acordo com Siqueira (2012), eco-poiese é um tipo de engenharia planetária que representa uma das primeiras etapas da terraformação. Esta fase primária de criação de ecossistema é geralmente restrita à sementeira inicial de vida microbiana.

Habitamos um planeta que, como foi dito anteriormente<sup>117</sup>, apresenta condições favoráveis de vida que precisam ser preservadas. A eco-poética proposta está diretamente relacionada com o fazer artístico que possibilite reconciliar a justiça social, a integridade ecológica e o bem-estar de todos os sistemas que habitam o planeta.

Como o ser humano é um ser extremamente interativo, capaz de adaptar-se a todos os ecossistemas e fazer com que estes se adaptem às suas necessidades e à sua capacidade de criação, ele modifica a natureza e se modifica com a natureza<sup>118</sup>. Sendo assim, podemos considerar que a eco-poética se realiza no dia-a-dia, no entrelaçar da vida em todos os seus aspectos. Seja no trabalho, na escola, nas relações com a comunidade, com a terra, na expressão da sensibilidade ou desenvolvendo tecnologias, o fato é que estamos modificando, dando outras formas, re-criando, realizando a poética do viver sendo, portanto modificados e reconstruídos, num processo constante e dialético.

## **V.2.2 ecos da poética no mundo**

Ao nos reconhecemos como seres autopoéticos temos em mente que vivemos nossa auto-criação em reciprocidade com os demais seres e com o ambiente, espaço no qual realizamos as conexões poéticas. Podemos compreender

---

<sup>116</sup>Ver: Siqueira (2012)

<sup>117</sup>Ver neste documento: A comum.unidade planetária sustentável p....

<sup>118</sup> BOFF, 1998. p.87

a nossa existência espacial conforme Merleau-Ponty (1999): como o “meio pelo qual a posição das coisas se torna possível... potência universal de suas conexões”<sup>119</sup>.

O ser é um ente situado no mundo e, a sua relação espacial está “em função desta conexão. A existência é, em si, espacial.” (Apud Tourinho, Op. Cit, p.21)<sup>120</sup>

Possuímos uma existência espacial comum no planeta Terra. A capacidade poética do homem não se encerra nele mesmo e nem no espaço que o circunda. A sua eco-poética local tem proporções globais e é por essa razão que é relevante assumir uma postura de responsabilidade integral respeitando princípios éticos planetários.

Considerando a integração humana como parte criativa da unidade terrena capaz de dar forma a um modo de vida sustentável no planeta, em sintonia com a Carta da Terra, afirmamos a importância de realizar uma proposição poética que potencialize as percepções de co-existência, de inter-relação, dos sentidos de reciprocidade entre os seres, de co-responsabilidade pela comum-unidade de vida terrena.

“(...) devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.” (Carta da Terra)

---

<sup>119</sup>Apud Tourinho, 2004, p.21

<sup>120</sup>IdId

## VI. - Proposição poética

“Assim, remetemos a obra a seu lugar de origem e volto à frase: “no princípio era o verbo”. O verbo, a palavra, é uma figuração. É o princípio criativo, nada mais. Ele pode surgir, e romper no ser humano, porque a antiga criação já foi concluída. Esta é a razão da crise. Tudo que de novo acontece sobre a Terra terá que consumir-se através do ser humano porém nada acontecerá se ele estiver cego, isto é, se na origem não houver uma forma. Por isso eu exijo uma melhor forma de pensar, de sentir e de querer. Estes são os verdadeiros critérios estéticos. Não poderão porém serem julgados somente por suas formas externas, mas também terão que serem julgados no interior do ser humano, onde se tornam contempláveis. Nos daremos conta então, subitamente, de que somos seres espirituais e o que é contemplável em nosso espírito que se torna figuração e possui sua matemática interna, é o princípio criativo”.

(Joseph Beyus)

Para a realização da parte prática da pesquisa, que levasse à proposição de elementos para um treinamento prático que contribuisse para o desenvolvimento de uma ecopoética para o trabalho do ator-dançarino construir uma cena ecopoética, nossas investigações nos levaram a nos pautar, desde uma perspectiva metodológica prática de ação para a construção da proposição, pela Técnica Energética desenvolvida pela a Profa. Dra. Marília Vieira Soares, artista-pesquisadora do departamento de Artes Corporais da Unicamp. Inicialmente esta perspectiva metodológica seria a base para a construção do diálogo com os corpos e suas práticas observados nas comunidades intencional e tradicional que pretendíamos.

Como não foi possível a pesquisa *in loco* junto às comunidades, a proposição poética encontra-se em processo e sua criação é inspirada nos pressupostos apontados pela pesquisa teórica, na vivência pessoal da estudante e em elementos metodológicos da Técnica Energética.

Tal escolha se deveu ao fato de que a “Técnica Energética” (T.E) por ela desenvolvida é influenciada pelos conhecimentos da Física Quântica, do Yoga indiano, dos estudos de Einstein, a utilização dos centros energéticos e consiste

numa maneira de criar “um corpo disponível” para atores e dançarinos através de um trabalho que conjugue técnica e expressão, elementos estes que, como pode se notar, está totalmente relacionado com os elementos expostos neste trabalho até o presente momento. Ademais, a T.E tem como perspectiva filosófica e educacional o fato do corpo ser veículo de aprendizagem, não só nas Artes Cênicas, mas no processo educativo em geral.

## VI.1 – A Técnica Energética

O trabalho corporal na Técnica Energética visa o domínio e a utilização da energia vital num produto estético - uma *técnica corporal de performance*<sup>121</sup>. “A T.E propõe a conscientização do potencial de energia vital nos indivíduos, sua relação com outros indivíduos e objetos, e a relação com o espaço/tempo”<sup>122</sup>. De acordo com Soares (2000), na T.E. o corpo é o ponto neutro, ou centro energético, no qual se processa as informações adquiridas nas experiências vividas pelo indivíduo, que fornecem material para o diálogo com o mundo<sup>123</sup>.

“A T.E. dirige-se não só ao mundo exterior e a relação do indivíduo com os espaços, mas também à aquisição e manutenção dos espaços internos, a boa utilização da *energia vital* e a conseqüente boa disposição para o *diálogo total*, predispondo a memória corporal a serviço da criatividade.”<sup>124</sup>

A T.E como abordagem filosófica, considera corpo-espírito-mente uma unidade presente na vida e tem semelhança com o delartismo. Segundo a artista-pesquisadora Soares (opt. Cit.), Delsart desenvolveu uma técnica de expressividade gestual que revolucionou o século XIX europeu. Para ele nada é mais horrível que um gesto sem significado. “O gesto é agente direto do coração. É a manifestação primeira do sentimento; é o revelador do pensamento, é o comentador da palavra.(...) O gesto é o espírito do qual a palavra é senão a letra.” (Soares 2000). Seu sistema filosófico partia da Lei da Trindade:

---

<sup>121</sup> Soares, 2000, p. 10

<sup>122</sup> Id. p.15

<sup>123</sup> Ibid. p.16

<sup>124</sup> Ibid p.17-18

“Alma e espírito não existem sem a vida. A vida e a alma não existem sem o espírito. O espírito e a vida não existem sem a alma.” (Soares, 2000, p. 12)

A essas três entidades Delsart denominou *gênero*: vital, intelectual e anímico que correspondem aos sentidos, pensamento e emoção. Em um ser perfeito elas são iguais e formam uma unidade. De acordo com Soares (2000), essa revolução corporal gerou uma nova forma de pensar na qual “o corpo é o limite entre o mundo interior e o mundo exterior”<sup>125</sup>.

Segundo Soares(2000) Delsart intuiu pela observação que os gestos possuíam uma qualidade expressiva diferente de acordo com o ponto de onde partia o movimento corporal. Para ele o corpo expressivo era composto de 9 regiões como fonte: 3 no abdômen, 3 no tórax e 3 na cabeça. Esses pontos também são considerados na Técnica Energética com uma interpretação que tem como referência os princípios védicos do yoga.

O yoga indiano, como afirma Soares (2000), trata o corpo como veículo sagrado de manifestação da energia cósmica criado para proporcionar saúde física e mental dos dirigentes e guerreiros visando o despertar do discernimento no exercício de suas funções. Segundo Tourinho (2004), Soares (2000) acredita que, a conquista da espiritualidade, assim como a de uma boa performance cênica, exige esforço, disciplina e ação. “A “Técnica Energética” fundamenta-se na Física Quântica e na psicologia do Yoga entendendo que, ambos, visam à interligação dinâmica de todas as coisas”<sup>126</sup>.

O nascimento da T. E. partiu da decodificação dos princípios teórico-práticos do “Método Energético” (M.E) de Direção Teatral do Prof. Dr. Miroel Silveira da pós-graduação ECA-USP<sup>127</sup>. Os princípios do M.E, segundo Soares (op. Cit), se baseiam no yoga clássico indiano e trabalha a análise da qualidade da mensagem a ser transmitida para o público a partir da definição do canal de energia a ser utilizado: os “chakras”. Sendo assim, o ator-dançarino precisa de um treinamento específico além de um estudo preciso para saber as diferenças na qualidade de energia resultante de cada um dos canais, e o momento de uso, pensando no produto estético desejado.

### **VI.1.1 A energia**

---

<sup>125</sup>Soares, 2000, p.12

<sup>126</sup>Tourinho, 2004; p. 51

<sup>127</sup>Id. p.50

Para Soares (op. Cit.) a energia é o modo pelo qual uma força atua. Ela afirma que a ação de uma força sobre qualquer outra provoca uma *mutação*, por isso estamos em um universo em mutação, e o corpo é a manifestação de um conjunto de energias em constante mutação.

No Método Energético o teatro é um campo unificado através do circuito no qual a platéia é o receptor e o palco o transmissor. “A questão da identificação do público é uma questão energética”<sup>128</sup>. O campo unificado é formado pela conjunção de ator+luz/cenário+espectador.

“(…) luz e cenário (Appia) e a relação do ator com o papel (energia); o teatro como espaço absoluto com relação ao observador (o espaço-tempo é alterado pelo observador).”(Soares,Op. Cit., p. 34)

O M.E refere-se a um estudo no qual a estética é uma consequência da harmonia das energias que traduzem o ser humano em sua essência e tem como premissa básica o fato de “*o homem ir ao teatro para se ver*”.<sup>129</sup>O teatro, neste método, é visto como um fenômeno energético.

“atraves do movimento corporal cria-se a obra de arte integral porque é possível criar cenário só com a movimentação do corpo. É o elemento de ligação, a contribuição maior para o surgimento da obra teatral.” (Soares, Op. Cit., p. 35)

### **VI.1.2 estado alterado de consciência – transe**

As artes cênicas, de acordo com Soares (Op. Cit.), comprimem o tempo e ampliam o espaço. Por se tratarem de artes predominantemente espaciais, exigem dos atores dançarinos um estado alterado de consciência. Este estado é produzido através da movimentação corporal e equivale ao transe, mas que acontece conscientemente <sup>130</sup>. O transe, para esta pesquisadora, é a possibilidade de concentrar-se numa forma teatral particular, e pode ser obtido com um mínimo de boa vontade. Ela faz referência a Grotowsky para falar do profunda entrega necessária para se atingir este estado de consciência:

---

<sup>128</sup>Soares, op. Cit, p.33

<sup>129</sup>Soares, op. Cit, p.34

<sup>130</sup>Soares, Op. Cit. p. 37

“Se eu tivesse que expressar tudo isto em uma só frase, diria que se trata de um problema de dar-se. Devemos nos dar totalmente, em nossa mais profunda intimidade, com confiança, como nos damos no amor. Ai está a chave. A autopenetração, o transe, o excesso, a disciplina formal – tudo isto pode ser realizado, desde que nos tenhamos entregado totalmente, humildemente, sem defesas. Este ato culmina num climax. Traz alívio. Nenhum desses exercícios nos vários campos de treinamento do ator deve ser de superfície. Deve desenvolver um sistema de alusões que conduzam a um alusivo e indescritível processo de autoadoção”<sup>131</sup>. (Soares Op. Cit. p. 37-38)

De acordo com Soares (Op.Cit) trazemos em nossos corpos a experiência da vida que se apresenta aqui e agora, como síntese da existência humana, ou do conteúdo do existir o que pode ser traduzido na consciência como memória que trazemos no corpo.

“O corpo é uma memória na medida em que traz o traço (a marca) de nossa herança genética de suas experiências, mesmo as mais arcaicas. Tais traços formam em cada um de nós uma trama do passado, misturando estruturas, sensações, emoções, esquemas de comportamento e figuras arquetípicas, tudo isso recolhido por cada qual de modo específico, em função das circunstâncias e de seu vivido individual. A esta herança silenciosa, a música, a dança vão dar voz criando um lugar privilegiado entre o mundo interno do sujeito e o mundo externo”<sup>132</sup>.” (Soares, Op. Cit. P. 36-37)

A pesquisadora sugere a utilização dos chakras nesse processo visando o despertar da memória existente em cada corpo. Uma das propostas da T.E. é o preenchimento energético da movimentação dentro do tempo, e não a partir dele como é feito nas técnicas tradicionais. O trabalho é feito no sentido inverso – do conteúdo para a forma, pois acredita-se que “em cada chakra existe a memória da

---

<sup>131</sup> Grotowsky, J. Em *Vusca de um Teatro Pobre*. SP. Cultrix/Pensamento. 2 ed. p.22, apud, Soares Op. Cit. p. 37-38

<sup>132</sup> Feriegla, J.M in *Imaginaire et Danse*. Universidade de Salamanca – Institut de Prospectiva Antropológica. Altavista – Internet. p.4, apud, Soares, Op. Cit. p. 36-37

espécie humana: os arquétipos – o produto final é o gestual colocado em consonância com a música, seja dança, mímica, teatro...”<sup>133</sup>

### VI. 1.3 - Os centros energéticos ...chakras

Informações provenientes de vários textos antigos da literatura iogue indiana falam a respeito da existência de centros de energia especiais no interior do corpo<sup>134</sup>. Genber (1988), em seus estudos, procurou verificar se existe alguma evidência na ciência moderna que comprove a sua existência.

Os centros de energia, segundo esse autor, são denominados “chakras” - em sânscrito significa “círculo”- e assemelham-se a “vórtices rodopiantes de energias sutis”<sup>135</sup>. De acordo com Genber (1988), no passado, os chakras e os meridianos<sup>136</sup> foram ignorados pelos cientistas ocidentais, que os tinham na conta de construções mágicas produzidas por pensadores orientais. No entanto, atualmente os cientistas ocidentais voltaram suas atenções para a compreensão e a validação dessas estruturas até então não reconhecidas. De acordo com Genber (1988), a existência dos chakras e dos meridianos acupunturais está sendo confirmada devido ao desenvolvimento de tecnologias de energia sutil que podem detectar sua presença e mensurar suas funções<sup>137</sup>.

“Os corpos de energia mais elevada só são invisíveis porque as tecnologias que tornam essas energias visíveis a olho nu ainda estão em sua maior parte no estágio de desenvolvimento. O mundo da astronomia das ondas de rádio e dos raios X também foi um universo invisível, até que se tornou possível desenvolver as tecnologias apropriadas para estender os nossos sentidos nessas direções energéticas. No caso das energias sutis, portanto, faz-se muito necessário no momento um esforço de pesquisa

---

<sup>133</sup>Soares, Op. Cit. p. 38

<sup>134</sup>Genber 1988, p. 85

<sup>135</sup>Genber 1988 p.86

<sup>136</sup>“A antiga teoria chinesa afirma que os pontos de acupuntura do corpo humano situam-se ao longo de um sistema invisível de meridianos que atravessa todos os tecidos do corpo. Através desses meridianos, passa uma energia nutritiva invisível que os chineses chamam-se de "ch'i". A energia ch'i penetra no corpo através dos pontos de acupuntura e flui até os órgãos mais profundos, levando-lhes um alimento vital de natureza energética sutil. Os chineses acreditam na existência de doze pares de meridianos ligados a sistemas de órgãos específicos no interior da estrutura humana.” (Genber, 1988; p. 82)

<sup>137</sup>Genber 1988, p.86

semelhante para tornar visível o invisível.” (Genber, 1988; p. 81)

O Dr. Hiroshi Motoyama, Ph.D. em Filosofia e Psicologia Clínica pela Universidade de Tóquio, Japão, autor do livro “Teoria dos Chakras”, construiu um aparelho que mede as reações dos plexos nervosos pela ativação de um chakra.

“Motoyama construiu uma cabine registradora especial, feita com fios de chumbo, cujo interior estava protegido das perturbações eletromagnéticas externas. Dentro da cabine havia um eletrodo móvel de cobre que era posicionado no lado oposto ao dos diversos chakras do indivíduo que estiver sendo testado. O eletrodo mede a intensidade do campo bioelétrico humano a uma determinada distância da superfície do corpo.” (Genber, 1988; p.89)

Com este aparelho, o Dr. Motoyama efetuou múltiplos registros elétricos dos chakras de diversos indivíduos, muitos dos quais eram praticantes avançados de meditação e pessoas que já haviam tido experiências psíquicas. Segundo Genber (1988), quando o eletrodo era colocado diante de um chakra que o indivíduo afirmava ter sido estimulado (geralmente através de anos de meditação), a amplitude e a frequência do campo elétrico sobre o referido chakra eram significativamente maiores que os valores registrados nos chakras dos indivíduos de controle. Com esse experimento Motoyama descobriu que certas pessoas tinham a capacidade de emitir energia conscientemente através de seus chakras e quando o faziam, tornou-se possível detectar significativas perturbações do campo elétrico, que emanavam a partir dos chakras ativados<sup>138</sup>.

As pesquisas realizadas por Motoyama, afirma Genber (1988), produziram resultados experimentais que tendem a confirmar a presença do sistema de chakras nos seres humanos. A partir desse trabalho acredita-se que os chakras sejam transformadores de energia e que esta energia pode fluir através dos chakras em duas direções diferentes: do ambiente energético sutil para dentro do corpo, e vice-versa, do interior do corpo para o exterior. A capacidade de ativar e de transmitir

---

<sup>138</sup>Genber, 1988, p.89

energia através dos chakras é reflexo de um nível razoavelmente avançado de desenvolvimento de consciência e concentração por parte do indivíduo<sup>139</sup>.

Genber (1988) faz referência a outras experiências interessantes sobre o sistema de chakras no corpo humano. Dentre eles estão os estudos de Itzhak Bentov, pesquisador, engenheiro mecânico e inventor, que utilizando um equipamento semelhante ao de Motoyama se dedicou ao estudo das alterações fisiológicas associadas à meditação e também reproduziu as experiências de Motoyama a respeito da emissão de energia eletrostática pelos chakras. Outro trabalho citado pelo pesquisador foi conduzido pela Dra. Valerie Hunt, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, que utilizou um equipamento de mensuração -eletrodos de eletromiograma -para estudar as variações de energia bioelétrica nas áreas da pele que correspondiam às posições dos chakras. Segundo Genber (1988), Hunt observou a emissão de oscilações elétricas regulares sinusoidais de alta frequência a partir dos pontos dos chakras, fato que anteriormente jamais fora registrado ou relatado na literatura científica.

“A faixa de frequência normal das ondas cerebrais está compreendida entre 0 e 100 ciclos por segundo (cps), com a maioria das informações ocorrendo entre 0 e 30 cps. A frequência muscular vai até cerca de 225 cps e a cardíaca chega a mais ou menos 250 cps. As leituras dos chakras geralmente estão numa faixa de frequência que vai de 100 a 1600 cps, números muito acima dos valores tradicionalmente encontradas para as formas de energia radiante originárias do corpo humano.” (Genber, 1988, p.89)

De acordo com Genber (1988), os dados provenientes dos experimentos realizados por Motoyama e Hunt parecem confirmar a existência do sistema de chakras. Segundo o autor, as energias medidas nos chakras em cada um dos experimentos eram constituídas de harmônicas inferiores das energias sutis originais de alta frequência e todas essas energias são apenas oitavas do espectro eletromagnético. Desta forma, as energias sutis parecem ocupar uma faixa de frequência que antes não era reconhecida pelos cientistas ocidentais.

Do ponto de vista fisiológico, afirma Genber (1988), os chakras parecem estar envolvidos com o fluxo de energias superiores para as estruturas celulares do corpo

---

<sup>139</sup>Genber, 1988, p.89

através de canais específicos de energia sutil. Eles parecem atuar como transformadores de energia, reduzindo sua forma e frequência para adequá-las ao nível de energia imediatamente inferior. A energia, por sua vez, é traduzida em alterações hormonais, fisiológicas e, finalmente, celulares por todo o corpo<sup>140</sup>.

Segundo o autor, existem pelo menos sete grandes chakras associados ao corpo. Anatomicamente, cada grande chakra está associado a um grande plexo nervoso e a uma glândula endócrina. Estes grandes chakras estão situados numa linha vertical que sobe da base da espinha até a cabeça.

Além dos sete chakras principais, Genber (1988) nos lembra que existem dois na palma das mãos, dois na sola dos pés, e um associado à medula espinal e ao mesencéfalo. E também existem numerosos chakras secundários associados às principais articulações do corpo, tais como os joelhos, os tornozelos, os cotovelos, etc. Ao todo, contabilizando os chakras principais e secundários, poderá haver pouco mais de 360 chakras no corpo humano.

Os chakras estão ligados uns aos outros e a determinadas partes da estrutura físico-celular através de canais energéticos sutis conhecidos como "nádís". Segundo Genber (1988), os nádís são constituídos por delgados filamentos de matéria energética sutil. Eles representam uma extensa rede de energias fluidas que pode ser comparada aos nervos do corpo. Genber (1988) afirma que os nádís estão intimamente ligados ao sistema nervoso e influenciam a natureza e a qualidade da transmissão dos impulsos nervosos, numa extensa rede constituída pelo cérebro, medula espinal e nervos periféricos. Desta forma, como propõe Genber (Op. Cit.), qualquer alteração no nível dos chakras e nádís pode ser associada a alterações no sistema nervoso. Ou seja, existe um alinhamento especial entre os grandes chakras, as glândulas e os plexos nervosos, alinhamento que é necessário para a otimização da função humana.

Na literatura iogue oriental, os chakras foram visualizados metaforicamente como flores. Em termos simbólicos, os nádís representam as pétalas e as finas raízes dos chakras florais, distribuindo a força vital e a energia de cada chakra pelo corpo<sup>141</sup>. Sabe-se também que cada um dos sete grandes chakras está associado a um determinado tipo de capacidade de percepção psíquica.

---

<sup>140</sup>Genber, 1988; p.86

<sup>141</sup>Genber (1988), p. 87

Para a realização desta proposição poética serão considerados no processo criativo e de treinamento do ator-dançarino os principais centros energéticos, os sete chakras associados às maiores glândulas e localizados no centro do corpo. Eles serão descritos conforme os estudos de Soares (Op. Cit.).

#### **VI.1.3.1 - Chakra Básico ou Chakra Raiz:**

Localiza-se na base da coluna, na região do períneo, cóccix e do sacro, e está associado à gônadas (testículos e ovários). Tem uma projeção posterior dirigida para baixo, pernas e pé, sendo também conhecido como Chakra da Raiz responsável pela ligação com a terra. Possui uma outra projeção para cima que percorre a coluna vertebral energizando os sistemas nervosos simpáticos e para-simpáticos. Tem também uma projeção frontal que se localiza na parte mais baixa do ventre. É responsável pela força vital, pela estabilidade, constância, sexualidade, pelo instinto de sobrevivência em grupo, é a fonte de registro da história pessoal e coletiva<sup>142</sup>.

Soares (Op. Cit) observa que os ritmos afro-americanos, o rock, o twist e o jazz americano utilizam muito esse centro energético pela necessidade de liberação sexual como forma de rebelião. Este chakra representa a passagem do adolescente para o adulto, quando em seu sentido centrífugo, expressa a sensualidade, sentimento grupal positivo, as relações familiares, a criatividade, a estabilidade, a estrutura, a perseverança, a segurança e a manifestação. Já no seu sentido centrípeto manifesta o desespero, a derrota, a falta de confiança na vida, a indiferença, o preconceito, o medo de origem desconhecida, a violência, a desonestidade, a astúcia<sup>143</sup>.

#### **VI.1.3.2 - Chakra Umbilical**

Encontra-se aproximadamente dois dedos abaixo do umbigo e está associado à glândula supra-renais, filtrando as informações geradas pelo Chakra Básico. Trata-se do centro gravitacional do corpo humano, é responsável pelos movimentos das pernas e também ativa o sistema muscular (adrenalina) promovendo o “estado de prontidão”<sup>144</sup>.

---

<sup>142</sup>Soares, Op.Cit., p. 52

<sup>143</sup>Soares, Op. Cit., p. 52

<sup>144</sup>Soares, Op. Cit. p.54

Este chakra é considerado, de acordo com Soares (Op.Cit.), como a fonte das sensações. O seu princípio está associado ao masculino, temporal, mecânico, linear, rígido e corresponde à faixa etária dos vinte aos trinta anos. É o ponto de diferenciação do corpo do homem e da mulher e onde se condensa os princípios masculinos e femininos. A energia deste chakra no homem é yang (expansiva, criativa) e na mulher é yin (receptiva)<sup>145</sup>.

O chakra umbilical é o chakra da dança do ventre e é o centro do poder físico. Através dele se diz “eu posso”. Usado no sentido centrífugo é o chakra do guerreiro, do ataque, da coragem, do prazer, da vitalidade, da prosperidade, do discernimento; e no sentido centrípeto é a fonte do medo, do desânimo, do pessimismo, da covardia, da manipulação, do sentimento, da exaustão, da sexualidade indiscriminada, da culpa.

### **VI.1.3.3 - Chakra Plexo Solar**

Localizado no espaço entre as costelas, está diretamente relacionado com chakra Umbilical e o Cardíaco. É o centro gravitacional do tronco e o ponto de passagem da energia gerada no chakra umbilical. É onde o poder físico inicia sua transformação em emoções e valor pessoal e está diretamente ligado à respiração pois se encontra na região do diafragma. Para o seu bom funcionamento é importante o encaixe das costelas e sua direção é ascendente<sup>146</sup>.

Quando em movimento centrífugo sua característica é a surpresa, a capacidade de decisão, o movimento lírico, a alegria de viver, o encontro amoroso, a fonte do riso. Já em movimento centrípeto manifesta o constrangimento, a vergonha, o medo do fracasso, o enfraquecimento, a rigidez, a angústia, a fome, a agressividade<sup>147</sup>.

### **VI.1.3.4 - Chakra cardíaco**

Encontra-se na região do coração, no peito, entre os pulmões atrás da parte superior do esterno e está associado à glândula Timo ou vascular<sup>148</sup>. Este chakra é o centro onde se organiza e se distribui as águas. Segundo Soares (Op. Cit.) é através do fluxo das águas que os estímulos sensórios são ativados e geram estado

---

<sup>145</sup>Soares, Op. Cit. p. 55

<sup>146</sup>Soares, Op. Cit., p. 56

<sup>147</sup>Soares, Op. Cit., p. 56

<sup>148</sup>Soares, Op. Cit. p. 56

de prontidão para a ação intencional. Este chakra é o centro de processamento da inteligência emocional que é o resultado das sensações nascidas no chakra Umbilical e Plexo Solar que se transformam em emoções.

O chakra Cardíaco governa os movimentos do tronco e dos braços. Seu princípio é feminino, espacial, circular, espiralado e flexível, sendo responsável pela expressão dos movimentos. O seu movimento é ascendente e está associado à faixa etária dos 40 anos<sup>149</sup>. Quando no sentido centrífugo traduz emoções de alegria, de felicidade, a relação com o mundo externo e com o outro. Em sentido contrário é a fonte do espírito trágico, da individuação, da dor, da solidão, do pranto<sup>150</sup>.

#### **VI.1.3.5 - Chakra Garganta**

Encontra-se no centro do pescoço, entre a 3° e a 7° vertebra cervical e relaciona-se com as glândulas tireoide e paratireoide. É responsável pela fala, pela comunicação, pela vontade e governa as mãos. Aliado ao chakra cardíaco, completa a expressão dos movimentos possibilitando a comunicação dos conteúdos legíveis dos demais chakras e é sempre dirigido ao mundo exterior. Ele tem ligação direta com os sub-chakras localizados nas palmas das mãos<sup>151</sup>.

“A energia do chakra Faríngeo/Laríngeo desce pela parte superior dos braços, atinge os polegares e dirige-se para as palmas das mãos. O trabalho com as mãos tem por objetivo a sutileza da visão simbólica, dos aspectos dionisíacos da arte. As mãos estão intimamente ligadas com a razão e com a fala. Além da construção de instrumentos, é um poderoso veículo de comunicação”. (Soares, Op. Cit. p.59)

É o chakra da vontade, da racionalidade, da mímica, do cômico, da piada, quando no movimento centrífugo. No movimento inverso é a fonte da ira, da vingança, do ressentimento, do ciúme, do desprezo, da futilidade, do irracional e da loucura e corresponde à faixa etária dos 50 anos<sup>152</sup>.

#### **VI.1.3.6 - Chakra Frontal e Chakra Coronário**

---

<sup>149</sup>Soares, Op. Cit. p. 57

<sup>150</sup>Soares, Op. Cit. p. 58

<sup>151</sup>Soares, Op. Cit. p. 59

<sup>152</sup>Soares, Op. Cit. p. 59

Estes centros energéticos localizam-se na cabeça e estão relacionados com as glândulas pinal e hipófise. São o canal de comunicação com o Cosmos, afirma Soares (Op.Cit), “é por ele que recebemos a energia cósmica que juntamente com a energia telúrica completa a energização do corpo humano. Portanto, o alinhamento perfeito da coluna produz uma energização completa do céu e terra e seu canal de expressão são os olhos”.<sup>153</sup> Os olhos, tal qual as mãos, são instrumentos de comunicação e possuem ações associadas.

O chakra coronário é considerado o chakra da 3ª idade, ou da sabedoria que vem da experiência de vida e está relacionado com a memória e com a visão de futuro<sup>154</sup>.

O bom funcionamento entre as glândulas relacionadas aos chakras promove a saúde, o equilíbrio físico e psíquico do ser humano<sup>155</sup>. Para esse processo de criação cênica, serão trabalhados o conhecimento do potencial dos sete principais chakras a partir da improvisação corporal que será realizada durante o treinamento do ator-dançarino.

#### **VI.1.4 Improvisação**

A improvisação, na T.E, é a experimentação dos impulsos advindos dos chakras traduzidos em movimentação corporal. O trabalho técnico de improvisação tem elementos básicos de alinhamento dos meridianos, da relação correta entre os ossos e tonificação muscular. E depende, essencialmente, da experimentação individual, ou seja, da improvisação a partir do elemento básico de trabalho do ator-dançarino: o corpo.

“Antes de estabelecer relações com objetos é necessário saber relacionar-se com o próprio corpo, conhecer seus limites e seus espaços próprios. É preciso espaços internos para o domínio do espaço externo do indivíduo. Através da conquista de espaços internos o ator e o dançarino permitirão que os elementos constitutivos do organismo humano: a água, a terra e o ar, adquiram uma relação de equilíbrio e proporcionem um afluxo de energias melhor distribuído pelo corpo todo. Como consequência, temos a aquisição do

---

<sup>153</sup>Soares, Op.Cit. p.59

<sup>154</sup>Soares, Op. Cit. p.60

<sup>155</sup>Soares, Op. Cit. p. 61

domínio do movimento e da expressão desse movimento”.  
(Soares, Op. Cit. p.62)

## VII - Considerações Finais

a terra que é dentro, pulsa  
a terra que é fora, arde.  
o corpo se expande  
abriga o ser  
a Terra clama,  
o que somos?  
o corpo invade a estrofe da vida  
dança o movimento sem fim  
a Terra ampara, sustenta...  
o corpo entrelaça inter-relações,  
se aventura por poéticas  
a Terra decanta o som de todos os seres...  
o corpo canta e arte,  
se encanta de criações  
a Terra transforma...  
o corpo suspira  
a Terra mistura...  
o corpo responde  
ecos da Terra em seu ventre

*O fim é sempre o começo de uma nova história...*

Ser corpo é estar atado ao mundo, como nos lembra Merleau-Ponty e estamos juntos em autopoiese no planeta Terra. Somos os nossos corpos entrelaçados de desejos e poéticas, microcosmos dentro do macrocosmo, numa mesma comum unidade planetária a tecer a aventura poética da vida.

O nosso corpo, com sua vitalidade e sensibilidade criativa, nega-se a ser máquina fragmentada, de prontidão às vontades antropocêntricas de destruição, exploração e desprezo. Trata-se de um sistema dinâmico energético no qual a expressão do sensível potencializa sua capacidade criativa auto-poética que transborda em inter-relações, conexões, trocas, numa dança ininterrupta, movimento contínuo da existência comum.

O nosso fazer poético não se encerra em nós mesmos e nem no espaço que circundamos. A nossa interatividade e potencial adaptativo e de mutação nos permite transformar os ecossistemas e a nós mesmos, num processo constante e dialético no qual realizamos uma incessante eco-poética local com projeções cósmicas.

Reconhecer esse potencial poético transformador e criativo, nos empodera e amplia os níveis de responsabilidade e de possibilidades de ação. É nessa sintonia que afirmamos a importância de realizar uma proposição performática poética que potencialize as percepções de co-existência, de inter-relação e amplie os sentidos de reciprocidade entre os seres, de co-responsabilidade pela comum-idade de vida terrena.

A opção pelo trabalho corporal inspirado na Técnica Energética é uma forma que encontramos de reconhecer, dominar e utilizar a energia vital que somos compreendendo o corpo como a manifestação de um conjunto de energias em constante mutação, e assim despertar a memória existente neste corpo através dos chakras de forma a apotencializar nossa reconexão com a natureza que somos e então criar um processo estético de performance cênica que instigue uma forma de vida sustentável no planeta. Além do mais, quando reconhecemos o corpo como totalidade e centro energético em diálogo com o mundo rompemos com a fragmentação histórica corpo-mente-espírito e passamos a compreender a vida de forma integrada e dinâmica na qual todas as coisas estão interligadas e se complementam numa obra de arte sem fim.

Estes estudos nos permitiram afirmar a reverência aos saberes e técnicas ancestrais dos povos nativos das comunidades tradicionais que vivem seu dia-a-dia junto a natureza, e conhecem as tradições do Sol, da Lua, da Grande Mãe Terra e nos instigam a perceber como o pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração... “homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes”.

## **VIII - Anexos**

### **ANEXO 1 -A CARTA DA TERRA**

#### PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

#### Terra, Nosso Lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

#### A Situação Global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

#### Desafios Para o Futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está

criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes.

## Responsabilidade Universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual a dimensão local e global estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

## PRINCÍPIOS

### *I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA*

#### *1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.*

*a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos. b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.*

#### *2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.*

*a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas. b. Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.*

*3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas. a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial.*

*b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.*

#### *4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.*

*a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras. b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apóiem, em longo prazo, a*

*prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra. Para poder cumprir estes quatro amplos compromissos, é necessário:*

## **II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA**

*5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida. a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.*

*b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural. c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçadas.*

*d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos. e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.*

*f. Manejar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.*

*6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução. a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.*

*b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental. c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas conseqüências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.*

*d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas. e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.*

*7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.*

*a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.*

*b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento. c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência eqüitativa de tecnologias ambientais saudáveis.*

*d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais. e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.*

*f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.*

*8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido. a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada a sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.*

*b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano. c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.*

### *III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA*

*9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.*

*a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não- contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos. b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria.*

*c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.*

*10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma eqüitativa e sustentável. a. Promover a distribuição eqüitativa da riqueza dentro das e entre as nações. b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas.*

*c. Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas. d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas conseqüências de suas atividades.*

11. *Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas. a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.*

*b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias. c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todos os membros da família.*

12. *Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias. a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.*

*b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida. c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.*

*d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.*

#### **IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ**

13. *Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.*

*a. Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse. b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.*

*c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembléia pacífica, de associação e de oposição. d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.*

*e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas. f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.*

14. *Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável. a. Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento*

*sustentável.*

*b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade. c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.*

*d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.*

*15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.*

*a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos. b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.*

*c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.*

*16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.*

*a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações. b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.*

*c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não-provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica. d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.*

*e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz. f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.*

## O CAMINHO ADIANTE

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca

iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.

## **ANEXO 2 - Manifesto de Tutzing para corroborar a dimensão cultural e estética do desenvolvimento sustentável<sup>156</sup>**

**Nós**, os e as abaixo assinantes, fazemos um chamamento aos políticos e todos os participantes do projecto do século "Capacidade futura" para que intervenham na "Cume mundial de desenvolvimento sustentável" 2002 em Joanesburgo em pró de uma implicação estrutural da dimensão cultural e estética nas estratégias para que realmente seja realizado o desenvolvimento sustentável.

**A** ideia fundamental do desenvolvimento sustentável implica um desafio cultural, pois exige revisões importantes de normas, valores e práticas legadas em todos os sectores, desde a política, passando pela economia até a vida em si. Tudo que é sustentável necessita e produz cultura: como modo de comunicação e actuação que cria formas, que desenvolve,reflecte, modifica através de orientações de valores e contrabalança interesses económicos, ecológicos e sociais.

**Na** Agenda 21, que foi votada em 1992 na "Cume Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento" no Rio, a combinação de economia, ecologia e temas sociais foi elaborada como estratégia para um desenvolvimento com futuro. Além disso, o programa de acção ressalta a importância da participação de todos os atuantes, significando assim uma oportunidade determinante para a democratização. A Declaração de Rio já faz alusão à dimensão intelecto-criativa numa passagem do seu artigo 21: "... a criatividade, os ideias e o valor da juventude do mundo inteiro têm de ser modificados". Não obstante, a cultura e a realização estética não são

---

<sup>156</sup>Disponível em: <http://www.kupoge.de/ifk/tutzingermanifest/pdf/tuma-p.pdf> acesso em 16 de abril de 2012.

consideradas de acordo com os seus potenciais de desenvolvimento sociais.

**A** conferência para a cultura e desenvolvimento da UNESCO, realizada em Estocolmo em 1998, conheceu e reconheceu o desenvolvimento sustentável como base fundamental para a conservação e promoção mundial da variedade cultural. O primeiro princípio do plano de acção elaborado e votado em Estocolmo e denominado "The Power of Culture" declara que: "Desenvolvimento sustentável e progresso cultural dependem reciprocamente um do outro". Em um mundo cada vez mais especializado os enlances necessários não estão definidos sistematicamente até agora.

**Ante** este panorama consideramos necessário e imprescindível conjugar o que foi começado nos processos da Agenda 21 com a política cultural. O conceito de desenvolvimento sustentável pode e tem de evoluir e ser aprofundado de tal maneira que também abranja a cultura com a mesma igualdade de direitos que economia, ecologia e temas sociais, formando uma dimensão entrelaçada. Trata-se sobretudo de entender e de realizar a formação das dimensões economia, ecologia e temas sociais como molde estético-cultural baseado na variedade, franqueza e intercâmbio mútuo. Uma perspectiva futura apenas pode ser assegurada entre todos em um mundo coincidente em grau sumo. Globalização necessita capacidade intercultural no diálogo das culturas.

**Como** é exactamente o desenvolvimento sustentável? Proporciona suas próprias formas, modelos, estilos e seus materiais adequados e modo de configurá-los? Como é possível fomentar comportamento criativo que incida em inspiração e emoção, em percepção sensorial e franqueza? Como as pessoas poderiam experimentar seus valores humanos com propriedade e vontade? Qual é a diferença entre um estilo de economia e de vida sustentável esteticamente e as formas actuais de produção, trabalho e vida não sustentáveis?

**Se** o Sustentável deve fascinar e ser atractivo, deve despertar os sentidos e ser lógico, então a categoria beleza transforma-se em matéria construtiva elementar de um futuro com futuro, em um meio de vida acessível a todos seres humanos.

**Para** que a Agenda 21 seja eficaz deverão ser implicados decididamente aqueles e aquelas atuantes que possuem a capacidade de dar vida a ideias, visões e experiências existenciais através de símbolos, ritos e práticas que podem ser transmitidas à sociedade. Desta maneira aumenta a oportunidade de travar conhecimento com o projecto Sustentável, para muitos até agora simplesmente um programa de meio ambiente, uma espécie de estratégia que garante a composição individual da liberdade para as gerações actuais e futuras. Na medida em que a questão Sustentável for entrando com força no debate dentro do campo da prática cultural, será tomada em sério cada vez mais, crescerá seu atractivo e seu prestígio social.

**Por** este motivo exortamos às delegações encarregadas das negociações que coloquem em Joanesburgo a pedra fundamental para uma relação recíproca mais viva entre estratégias sociais e naturais, por um lado, e capacidade de composição estético-cultural, por outro lado. O desenvolvimento da Agenda 21 deveria abrir-se estruturalmente aos potenciais evolutivos da cultura e da estética. Apenas então o

Sustentável adquirirá as formas que lhe são apropriadas.

A origem deste manifesto deve-se ao seminário "Estética do Sustentável" realizado dos 20 aos 22 de Abril de 2001 na Academia Evangélica de Tutzing. Os participantes procediam de todos os âmbitos do mundo criativo - arte, arquitectura, cinema, design, publicidade, desenvolvimento urbano e paisagístico, e também dos campos da ecologia e do sustentável.

## **IX - Referências Bibliográficas:**

ALVERCA, Ana Tereza do Nascimento Coimbra. **Ecovilas: Um Paradigma Ambiental Que Permeia O Século XXI**. Artigo publicado pelo site Meio Ambiente UERJ Segunda-Feira, 5 de agosto de 2002. Disponível em: <http://www.meioambiente.uerj.br/emrevista/artigos/ecovilas.htm> acesso em 15 de abril de 2012

BRASIL. Decreto n. 6.040/2007, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/povosecomunidadestradicionais> - acesso em 17 de outubro de 2011

BUENO, Marcelo. **Ecovilas: Guia de planejamento de ecovilas**. Disponível em: <http://permacoletivo.files.wordpress.com/2008/05/ecovilanet.pdf> acesso em 06 de junho de 2012.

BOFF, Leonardo. **O despertar da água: o diabólico e o simbólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998. 174 p.

\_\_\_\_\_. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas, Sp: Versus Editora, 2003. p. 9-56.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7ª Ed. Editora Ática. Série Fundamentos. 2006.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo. Ed. Cultrix 2003. 259 – 265

CAPRA, Fritjof. **A Teia da vida. Uma nova compreensão dos sistemas vivos**. Cultrix, São Paulo, 1996.

DORSA, Arlinda C. Terra, Eva M. **As comunidades tradicionais, história, tradições, memória e perspectivas de desenvolvimento sustentável**. Disponível em:

[http://neppi.org/anais/Gestao%20territorial%20e%20sustentabilidade/As%20comunidades%20tradicionais,%20hist%F3ria,%20tradi%E7%F5es,%20mem%F3ria%20e%](http://neppi.org/anais/Gestao%20territorial%20e%20sustentabilidade/As%20comunidades%20tradicionais,%20hist%F3ria,%20tradi%E7%F5es,%20mem%F3ria%20e%20)

[20perspectivas%20de%20desenvolvimento%20sustent%E1vel.pdf](#) acesso em 18 de agosto de 2011

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. – ( Biblioteca da Educação. Serie 1. Escola; v16)

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos**. – Campinas, SP: Papyrus, 2001. – (Coleção Papyrus Educação).

DENZIN, Norman K. Lincoln, Yvonna S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz – Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESTEVES, M. S. B. Morais. Sustentabilidade e **Bem-Estar Humano: Duas Faces da Mesma Moeda? - Estudo Exploratório do Bem-Estar Subjectivo em Comunidades Intencionais que Vivem Segundo Princípios de Sustentabilidade**. 2010. 133f. Projeto de Mestrado (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/5819/1/RUN%20-%20Tese%20de%20Mestrado%20-%20Marta%20Esteves.pdf> Acesso em 08 de julho de 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Ed. Paz e Terra. 11ª ed. (O Mundo, Hoje, v. 10) São Paulo, 2006

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed. 13 reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEN – GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK - **What is an Ecovillage?** Global Ecovillage Network, 2009. [Consult. 2 Abr. 2010]. Disponível em <http://gen.ecovillage.org/about-gen.html> acesso em 08 de julho de 12

GENBER, Richard. **Medicina Vibracional: uma medicina para o futuro**. –SP; Cultrix. 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987. <http://www.interface.org.br> acesso em 14 de maio de 2012

HOLMGREN, David. **Os Fundamentos da Permacultura**: Um resumo dos conceitos e princípios apresentados no livro ‘Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade’. Victoria – Austria, Telford, 2007. 27p. Disponível em: [http://ena.ecovillage.org/index.php?option=com\\_content%26view%3Darticle%](http://ena.ecovillage.org/index.php?option=com_content%26view%3Darticle%26layout=article%26id=123)

[26id%3D53%26Itemid%3D58%26lang%3Den&usg=ALkJrhgaQs8SQp-shfKCU\\_GnwSj4DuuRKA](http://www.repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2920/1/2007_LarissadosSantosMalty.PDF)

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra de mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998. – (Série educação para a paz)

MALTY, Larissa Dos Santos. **Velha do Cerrado: A Personificação de um Arquétipo em busca da Sustentabilidade Cultural no Cerrado**. 2007. 91f. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental) – UNB, Brasília. Disponível em: [http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2920/1/2007\\_LarissadosSantosMalty.PDF](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2920/1/2007_LarissadosSantosMalty.PDF) acesso em 9 de julho de 2012

MATURANA, Humberto R. e Varela, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana; trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin** – São Paulo: Palas Athena, 2001

MOREIRA, Eliane. **Conhecimento tradicional e a proteção**. T&C, Amazônia, Ano V, Número 11, p.33-44, Junho de 2007. Disponível em: [http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/49144\\_5847.PDF](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/49144_5847.PDF) acesso em 9 de julho de 2012

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Merleau-Ponty: O corpo como obra de arte**. Princípios UFRN Natal v.7 n.8 p.95-108 jan/dez..2000 <http://www.principios.cchla.ufrn.br/08P-95-108.pdf> acesso em 18 de janeiro de 2012

ODUM, Eugene P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. P.1-16

PELIZZOLI, Luiz Marcelo. **A bioética como novo paradigma**. disponível em : [www.ufpe.br/filosofia/arquivos/7A%20Bietica%20como%20novo%20paradigma.pdf](http://www.ufpe.br/filosofia/arquivos/7A%20Bietica%20como%20novo%20paradigma.pdf)

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade; introdução e notas de Anatol Rosenfeld*. – São Paulo: EPU, 1991.

SIQUEIRA, Adilson Roberto. *Arte e Sustentabilidade: argumentos para a pesquisa eco-poética da cena*. Moringa. João Pessoa, Vol. 1, n. 1, 87-99, janeiro de 2010

SUGUIO, Kenitiro e Suzuki, Uki. **A evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida**. São Paulo: Blucher, 2010.

TOURINHO, LÍGIA LOSADA. **Um estudo de construção da personagem a partir do movimento corporal.** Campinas, SP : [s.n.], 2004.

VELLOSO, Marta Pimenta. **Da produção do lixo à transformação do resto.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.15, n.4, Julho 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000400037&lng=en&nrm=isob](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000400037&lng=en&nrm=isob). acesso em 13 setembro 2010.

VIOLA, Eduardo J. **O movimento ecológico no brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.3. [2006] Disponível em: <> acesso em 27 de agosto de 2010

VIVACQUA, Flávia. **Arte e Ecologia percorrendo caminhos equidistantes,** Catálogo Ponto Florestal, São Paulo: 2009. Disponível em: <<http://flaviavivacqua.wordpress.com/textos/por-flavia-vivacqua/arte-e-ecologia-percorrendo-caminhos-equidistantes/>> Acesso em 14 de abril de 2010

#### **Web sites:**

<http://www.cartadaterra.com.br/ctoriginal.htm> acesso em 27 de Novembro 2011

<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/history2.html> acesso em 11 de janeiro de 2012

[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/agenda\\_21\\_global.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/agenda_21_global.pdf) acesso em 15 de abril de 2012

[http://www.cartadaterra.com.br/pdf/Agenda21\\_CT2002.pdf](http://www.cartadaterra.com.br/pdf/Agenda21_CT2002.pdf), acesso em 27 de novembro de 2011---- MOACIR GADOT

<http://www.clubofrome.org/?p=324> acesso em 16 de abril de 2012

[http://www.rio20.gov.br/sobre\\_a\\_rio\\_mais\\_20](http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20) acesso em 16 de abril de 2012

<http://cupuladospovos.org.br/o-que-e/> acesso em 16 de abril de 2012

<http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/> acesso em 29 de junho de 2012

<http://kakawera.blogspot.com/2011/11/cuidar-de-si.html> acesso em 15 de abril de 2012

<http://www.cartadaterra.com.br/ctoriginal.htm> acesso em 27 de Novembro 2011

<http://www.cartaterrabrasil.org/prt/history2.html> acesso em 11 de janeiro de 2012

<http://gen.ecovillage.org/ecovillages.html> acesso em 08 de julho de 2012

<http://www.ipemabrasil.org.br/cursos2011.html> acesso em 8 de julho de 2012.

<http://revista.fapemig.br/materia.php?id=175> acesso em 20 de agosto de 2012

<http://store.innertraditions.com/Contributor.jmdx?action=displayDetail&id=241> acesso em 23 de maio de 2012

<http://www.olhodehorus-egito.com.br/medicina.htm> acesso em 15 de fevereiro de 2012